

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS – CECEN
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA

MATHEUS HENRIQUE MUNIZ LIMA

O REI COMO MODELO DE CRISTÃO NAS CRÔNICAS PORTUGUESAS

São Luís, MA.

2018

MATHEUS HENRIQUE MUNIZ LIMA

O REI COMO MODELO DE CRISTÃO NAS CRÔNICAS PORTUGUESAS

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão como parte dos requisitos para a obtenção o grau de Licenciatura Plena em História.

OrientadorA: Prof. Dr^a Adriana Maria de Souza Zierer.

São Luís, MA.

2018

MATHEUS HENRIQUE MUNIZ LIMA

O REI COMO MODELO DE CRISTÃO NAS CRÔNICAS PORTUGUESAS

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Dr^a Adriana Maria de Souza Zierer.

Apresentada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a Adriana Maria de Souza Zierer. (Orientadora)

Universidade Estadual do Maranhão

1º Examinador

2º examinador

À minha família por nunca ter deixado eu perder minhas esperanças e sempre ensinou o caminho da vitória.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a minha família, em especial minha Mãe Marcia Cristina Lopez Muniz, que me criou e é responsável pelo homem que eu sou hoje e a minha avó Vania Maria dos Santos Lima que sempre me apoiou nos meus sonhos e aos demais familiares responsáveis por amor e carinho que sempre tiveram comigo no ambiente familiar.

Agradeço também a professora doutora Adriana Zierer, esta que me apresentou o tema e deu a oportunidade na iniciação científica, pelos conselhos e a grande ajuda que que a mesma sempre, muito dedicada, proferiu a mim. Agradeço aos meus mestres de sala de aula que formaram o profissional que sou hoje, o corpo docente do curso de História da Uema, os quais agradeço pela formação acadêmica, a qual foi a mais especial de minha vida.

Agradeço aos meus amigos da vida que sempre me deram apoio nas escolhas da vida, com muito carinho a Mauricio Calvacante, Marcelo Jorge, Natanel Falcão, Thiago Morethe e Yran Araujo. Não poderia esquecer dos mais brilhantes amigos do Marista que foram companheiros especiais nessa caminhada: Gabriel Aguiar, Domingos Gama, João Gabriel, Filipe Caldas.

E por final agradeço meus amigos da graduação que sempre me ajudaram tanto nos momentos difíceis e quanto nos momentos de alegria, as conversas especiais. Especialmente a Rayssa Maria Bezerra de Souza, Lianne Beatriz Sodré, Lucas Bastos Matos, Pedro Rodrigo, Alysson Bruno, Ingrid Silva e Kalynne Sued. Aos meus irmãos de graduação dedico este trabalho.

Como historiador acredito piamente que somos agentes transformadores da sociedade, todos nós podemos mudar a realidade circunscrita à nossa volta. A História me mostrou isso, que podemos ver diversas situações por diversas óticas. O mundo é extremamente desigual e o homem coletivo sente necessidade de lutar.

RESUMO

RESUMO: A presente monografia intitulada "*O Rei como modelo de cristão nas Crônicas Portuguesas*", tem como objetivo construir uma análise a respeito do modelo de rei ideal que servia de exemplo aos seus súditos. Para isso partiremos da importante função de conduzir seu povo à glória, salvação e afastar as ameaças de seu país, por intermédio de guerras e do exercício da boa justiça. Neste sentido, o monarca deve ser cristaníssimo e virtuosíssimo, possuindo características messiânicas capazes de fazê-lo um bom governante e um bom cristão, exemplo de para a sociedade. A partir dos relatos cronísticos portugueses poderemos analisar este modelo de rei que fora construído com elementos positivos e muito próximos ao cristianismo. Um exemplo é o primeiro monarca português, Afonso Henriques, a quem Cristo crucificado teria aparecido antes de uma batalha contra os muçulmanos, motivo pelo qual o monarca venceu a batalha, no que ficou conhecido como o Milagre de Ourique. Através do estudo de crônicas portuguesas, pretendemos analisar os elementos dos bons monarcas, associados a atributos dos reis do Antigo Testamento e como são modelos à sociedade portuguesa além do objetivo apresentar conclusões finais sobre o Rei Afonso Henriques, analisando as diversas obras que este, está presente, através da utilização de representação simbólica do poder que se dá por um espaço de disputa que se caracteriza como o conjunto de signos que se tornam um símbolo que cujo objetivo final se torna a memória. O Estado português se materializa através da figura do Rei e da memória que dá sentido de pertencimento ao povo português. Afonso Henriques e seu caráter guerreiro e messiânico possui relação com outros monarcas, os quais procuram se vincular a sua imagem, intercalando as suas histórias (D. João I e D. Sebastião).

Palavras-chaves: Rei, Cristão, Portugal, D. Afonso Henriques, Dinastia de Avis.

ABSTRACT

ABSTRACT: This monograph entitled "The King as a Christian model in the Portuguese Chronicles", aims to construct an analysis about the ideal king model that served as an example to his subjects. To do this, highlight the important function of leading your people to glory, salvation and fend off as threats from your country, through wars and to practice good justice. In this sense, the monarch must be Christian and virtuous, possessing messianic characteristics capable of delaying time, on the one hand, a good government and a good Christian, an example of a society. From the Portuguese chronicles we can analyze this king model that is built with positive elements and very close to Christianity. An example is the first Portuguese monarch, Afonso Henriques, to whom Christ crucified has appeared before a battle against the Muslims, reason why the monarch won the battle, in what was known like Miracle of Ourique. Through the study of Portuguese chronicles, we intend to analyze the elements of the good monarchs, associated with attributes of the kings of the Old Testament and how they are models for Portuguese society besides the objective to present final conclusions about the King Afonso Henriques, analyzing how diverse works that this, is present, through the use of symbolic representation of power that takes place through a space of dispute that is characterized as the set of signs that become a name that is final. The Portuguese state materializes through the figure of the King and the memory that gives the sense of belonging to the Portuguese people. Afonso Henriques and his warlike and messianic character are related to other monarchs, who seek to link to his image, intercalating as his stories (D. João I and D. Sebastião).

Keywords: King, Christian, Portugal, D. Afonso Henriques, Dynasty of Avis.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – D. Afonso Henriques (1139-1185), imagem do site portal da história.
P. 19

Figura 2- Escudo relacionado geralmente a D. Sancho em 1185. P. 26

Figura 3- D. João I (1385 - 1415). Autor desconhecido. Museu de Arte Antiga.
Lisboa. P. 35

Figura 4 – D. Sebastião I (1557-1578). Autor: José Malhoa. P. 40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	16
OS ASPECTOS GUERREIROS DO MONARCA AFONSO HENRIQUES E O CONTEXO HISTÓRICO DO PORTUGAL NO SÉCULO XII	16
1- A reconquista portuguesa no século XII e seu aspecto guerreiro.....	16
2- A construção da Imagem do Monarca Afonso Henriques como Modelo de Rei cristão	20
CAPÍTULO 2	31
A DINASTIA DE AVIS EM RELAÇÃO A AFONSO HENRIQUES	31
1- Aspectos guerreiros de D. João I	31
2- A construção da Imagem de D. João I.....	33
3- As narrativas escatológicas e o messianismo régio	35
4- D. Sebastião, e o fim da Dinastia de Avis	37
CAPÍTULO 3	42
PODER, MEMÓRIA E OS MODELOS DE REIS CRISTÃOS NA <i>CRÔNICA DOS SETE PRIMEIROS REIS PORTUGAL</i>	42
1- A coleção das crônicas dos reis de Portugal e o Códice Cadaval 965.....	42
2-Crônica do Rei D. Afonso Henriques	44
2- Afonso Henriques e suas diversas batalhas	48
3- Últimas ações de Afonso Henriques e sua Morte.....	56
CONCLUSÃO	60
REFERÊNCIAS	63

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é identificar e caracterizar diversos modelos ideais de rei cristão que interagem em diferentes grupos sociais que aparecem em várias obras literárias. As obras literárias e artísticas (relatos cronísticos) nos auxiliam a compreender o imaginário de uma determinada sociedade. E o imaginário envolve as relações dos seres humanos com Deus, entre si e com o invisível, tendo relações com o ideológico e o simbólico. (LE GOFF, 2005).

"Primeiramente, analisamos o contexto sobre o imaginário da época. A Idade Média foi marcada por um forte pensamento religioso onde muitas vezes o sagrado se confundia com as coisas terrenas, sendo caracterizado pela hierofania" (FRANCO JR., 2001, p. 139). No caso do Imaginário português, é notável que as diversas ameaças de destruição do seu povo, fazem por nascer um sentimento messiânico.

No caso a figura de o Rei, o Monarca que unisse e salvasse o povo português das ameaças de destruição iminente, dentro das que analisamos ao longo da pesquisa. Na construção da mentalidade ou da identidade do povo português é notável que o carrasco advenha dos estrangeiros (castelhanos ou mouros), ou seja é notório que o sentimento nacionalista sobre Portugal nesse momento é muito forte pois, seus monarcas sagrados têm muitas vezes como aspecto a união desse povo para que esse possa trazer paz, glória e o mais importante salvação tão esperada.

Nesta pesquisa procuramos, através de relatos cronísticos portugueses tecer alguns elementos do rei ideal que serviria como modelo aos súditos. Dentro destes modelos analisamos que a dinastia de Avis construiu a imagem desses monarcas baseados em elementos relacionados ao cristianismo. Nesse caso foram analisados três modelos de rei: o primeiro monarca português, Afonso Henriques, a quem Cristo crucificado teria aparecido antes de uma batalha contra os muçulmanos, motivo pelo qual o monarca venceu a batalha, no que ficou conhecido como o Milagre de Ourique, Dom João I fundador da Dinastia de Avis, que assumiu o trono português com o movimento de 1383-

1385 e D. Sebastião (1554-1578) mesmo antes de seu nascimento nomeado como "O Desejado".

O rei como modelo cristão que é caracterizado através das crônicas portuguesas é virtuosíssimo, cristianíssimo e possui virtudes teológicas e cardeais, capaz de fazê-lo um modelo de bom governante, um bom cristão e exemplo para a sociedade (ZIERER, 2009). Ao longo dos primeiros meses da pesquisa procuramos analisar os diversos modelos de comportamento baseados no modelo de rei cristão, que perpassam a sociedade. Neste sentido o monarca tem como função conduzir guerras em Portugal para exercer a justiça divina (a crença do povo glorioso escolhido por Deus). Dentro dos itens citados é perceptível atributos dos reis do Antigo Testamento e os modelos à sociedade portuguesa.

No caso da *Crônica de 1419* é o próprio Alfonso Heriques que faz três discursos antes da batalha de Ourique (Cr.1419, p.40-41), Sesimbra (Cr.1419, p.63-66) e Santarém (Cr.1419, p.92-93), ressaltando a importância da luta contra o infiel e da certeza de que os portugueses seriam vencedores. Este rei, imbuído pelo espírito de Deus, que lhe aparece em pessoa através da visão de Cristo crucificado no *Milagre de Ourique*, consegue convencer os companheiros da eficácia da fé cristã e eles efetivamente são vitoriosos nas batalhas contra os muçulmanos." (ZIERER, 2009, p. 61-62).

No que se refere ao campo da História Política esta pesquisa está relacionada inicialmente, ao campo do romantismo da Historiografia Tradicional que está localizado na formação do Estado-nação que é tema central da investigação das narrativas históricas. Dentro disso a associação do povo e nação é centrada na figura do monarca, tendo como estudo a promoção do Estado, que é condição de objeto da produção histórica, especificamente os acontecimentos que advém do rei que figura como Estado são o objeto da pesquisa dentro do campo político a relação Estado e sociedade, povo e nação, ideias atreladas ao Romantismo.

No entanto, nosso estudo vai além da proposta da análise dos modelos de rei que perpassam pela sociedade, não só buscando analisar os reis, mas também como estes influenciam a sociedade, através da Nova História Política, perspectiva historiográfica que se alinha com a História dos *Annales*. Neste sentido, procuramos perceber que a análise social é baseada nos modelos de

comportamento e mentalidades e de que forma são expressas pelos monarcas, que através das produções culturais são retratados como formadores do imaginário português e de sua identidade como Nação.

Esta pesquisa também se baseia na História Política renovada buscando demonstrar como os simbolismos estão intrinsicamente ligados com o Poder e sua permanência, demonstrando que as simbologias envolvidas a monarquia portuguesa tem sentido de pertencimento, tem significado que agrega sentimento nacional, assim o Rei é modelo a ser seguido para o "bem da nação" discussão ligada a visão do "escolhido", presente nas ondas messiânicas que se espalharam pelo medievo e tem suas continuidades na História. Neste caso o sentimento de pertencer é de fato tão necessário para a análise pois este é o fator de importância para determinada sociedade, circunscrita no seu próprio tempo, pois isso que dá razão de ser (evoca o sentido e o sentimento), o campo da sensível se faz presente na constituição da representatividade, que seria o pertencer. No caso da História Política Renovada a estrutura desta se forma por este sentimento e a análise deste, que demonstram as diversas relações e disputas de espaço e de poder dentro da política.

Este trabalho utiliza e discute diversos conceitos relacionados aos reis como legitimação, poder e simbolismo. É notório as questões de legitimação e poder ligadas a religião e construção de imagens a cerca destes reis, é utilizado a perspectiva do poder simbólico do autor Pierre Bourdieu, no qual se refere que o poder só possui validade ou legitimação a partir do comprometimento daqueles que foram influenciados pelo mesmo, como o mesmo diz uma espécie de "poder invisível".

Em uma sociedade envolta de um poderio estatal-cristão como reino de Portugal durante a Idade Média, esteve em voga a noção de que a preservação da história e dos grandes feitos seria primordial para a formação de uma memória coletiva, ou de uma forma um pouco mais sistemática –imaginação coletiva como aponta o historiador Peter Burke (BURKE, 1994, p.13).

O autor trabalha com o conceito de imaginação coletiva porque este denota algo que é contemporâneo ao momento por ele pesquisado em seu livro A fabricação do rei (BURKE, 1994, p.13). Onde o mesmo discute a Teoria do Direito Divino, que demonstra que os reis são representantes de deus na terra e assim são ungidos a governar.

Esta pesquisa trabalha com os modelos de rei e no caso, percebendo o imaginário político utilizado para legitimá-los, “Jean-Claude Schmitt quando este denota imaginário como “um meio de comunicação dos homens entre si, com Deus e o invisível. É uma realidade coletiva que consiste em narrativas míticas, ficções, imagens, compartilhadas pelos atores sociais” (SCHMITT apud ZIERER, 2004, p.17).

O objetivo central realizado na monografia advém de uma gama de estudos que pretende analisar documentos produzidos principalmente em Portugal nos períodos da Idade Média e Moderna, romper com uma ideia muito divulgada e empobrecedora, sobre uma suposta “ruptura” entre esses dois períodos, construindo a concepção de continuidade no caso do conceito de “Longa Idade Média” assim, demarcando a continuidade de pensamento e imaginário social. Tal concepção auxilia-nos a uma visão mais ampla sobre o medieval e também no futuro auxiliará o entendimento mais completo, onde poderá se perceber elementos de contato entre os períodos medieval e moderno, o que também auxilia a uma ampliação da compreensão da ligação entre passado e presente.

Estudos sobre o Portugal medieval oferecem ao pesquisador brasileiro a proximidade da língua, o português. Ainda, estudar o reino português que representa um grande avanço nas investigações relacionadas ao cenário medieval. Estudar o Portugal Medieval significa entender os processos e estruturas que teriam levado à expansão marítima e à colonização, que acabaram por deixar marcas e heranças em terras brasileiras, além de demonstrar as diversas rupturas e continuidades deste período na nossa história.

Vale lembrar também que foi formado em Portugal e no Brasil o Grupo Luso-Brasileiro Raízes Medievais do Brasil Moderno, composto por pesquisadores portugueses e brasileiros, que realiza congressos anuais ora no Brasil e ora em Portugal, que justamente defendem uma ideia de prolongamento entre esses dois períodos. Esse grupo realizou em 2015 a décima edição do evento que ocorreu em Lisboa e que difunde a aproximação entre Portugal e Brasil e entre Idade Média e Moderna, daí a importância da ampliação da visão do que é o medieval e relacionar diretamente este período

com o das Grandes Navegações quando o Brasil passa a tomar parte da História mundial.

Dentro do trabalho “O Rei como Modelo de Cristão nas Crônicas Portuguesas”, a análise dos modelos de Rei que influenciam a sociedade portuguesa foi o objeto central da pesquisa, são notáveis os modelos educativos de bom nobre e bom rei, mostrando a importância do estudo das fontes cronísticas que circularam em Portugal desde o século XIII, circulando no reino até pelo menos o século XVI e influenciando os relatos cronísticos, como a *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes, na qual este monarca é apresentado como possuindo atributos arturianos.

A análise dos relatos cronísticos voltados principalmente à memória dos reis é muito estimada em Portugal e oferece perspectivas de análise sobre o modelo ideal de rei e retrata o "passado glorioso português". A memória dos reis portugueses foi em grande parte guardada nesses documentos como o monarca fundador Afonso Henriques se ressignifica como Estado, através da fundação do império português, e como as diversas obras sobre este perpetuaram e embasaram o regime político.

Dentre elas, a *Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal* ou *Crónica de 1419*, produzida no século XV e que apresenta alguns modelos comportamentos a serem adotados por reis ideais. Seguindo e complementando este relato há a *Crónica de Rui de Pina*, produzida no século XVI. O bom rei nesses relatos é aquele que é expansionista e segue os preceitos da Igreja Católica, exerce a bem justiça através de guerras e unifica seu povo, demonstrando os modelos do imaginário social português daquela época. Percebemos que as imagens de vários monarcas portugueses foram construídas nesses relatos e é importante compreender essas imagens para uma visão mais abrangente da sociedade portuguesa medieval no final da Idade Média, percebendo o simbolismo da monarquia portuguesa que tem como base estas crônicas e demonstrando as diversas relações ente Memória, Estado e Sociedade.

A reação da historiografia científica aos mitos coletivos com maior impacto na construção de identidade nacional tem sido, em Portugal, um tanto curiosa. No passado medieval não havia dúvida nenhuma: o historiador era também um construtor de mitos, quer eles favorecessem a monarquia quer eles favorecem as linhagens ou os conventos dos santuários. A História era a elaboração de narrativas memoráveis e que só contribuía para vencer a morte, para assegurar a continuidade das coletividades, apesar do desaparecimento do individual de cada um dos seus membros e dos seus chefes, merecia a pena de ser lembrado. Ora, a crença na continuidade exprimia-se fundamentalmente pelo relato da proteção divina patente nos milagres e vitórias contra os inimigos e pela sucessão ininterrupta dos chefes. (MATTOSO, 1992, p.25)

O trabalho de fazer história era importantíssimo, pois era necessário registrar o acontecido, para a partir desse mesmo registro evocar a memória de um povo em seu líder, no caso deste trabalho a figura mítica do soberano, narrar as glórias da monarquia portuguesa era uma necessidade tanto para memória quanto para história de seu povo.

O capítulo 1 analisa os aspectos guerreiros de D. Afonso Henriques, fazendo uma breve revisão historiográfica sobre este, introduzindo o Portugal medieval no século XII, demonstrando as guerras de reconquista e a construção da figura do rei Afonso Henriques como Modelo de Rei cristão, demonstrando os diversos signos e estigmas construídos e inspirados na imagem deste.

O capítulo 2 investiga a dinastia de Avis em relação a Afonso Henriques demonstrando dois reis D. João I e D. Sebastião onde ambos se utilizaram da figura do monarca fundador, dando base e para seus governos e estimulando o imaginário do povo português, focados na figura do cavaleiro e no espírito cruzado.

O capítulo 3 centra-se na análise da *Crônica dos 7 primeiros reis de Portugal*, discutindo as relações de poder e memória presentes na narrativa, através da ascensão de Afonso Henriques ao trono português e nas diversas batalhas que o mesmo enfrentou, associando o modelo de rei cristão na figura deste monarca em comparação com os reis do Antigo Testamento. Apresenta um debate sobre as crônicas copiadas ou interpoladas entre as diversas crônicas que escreveram sobre o monarca.

CAPÍTULO 1

OS ASPECTOS GUERREIROS DO MONARCA AFONSO HENRIQUES E O CONTEXTO HISTÓRICO DO PORTUGAL NO SÉCULO XII

Todo povo tem seu herói seja ele como for, desde os tempos mais remotos os seres humanos depositam sua fé em diversos símbolos, estes dão um significado para o herói; ele é protegido por seres divinos desde seu nascimento e seu destino leva a grandes feitos.

No caso desta pesquisa lançaremos olhar sobre um herói com um protagonismo guerreiro, sempre protegido por Deus. Afonso Henriques personifica todas as qualidades ideais de Rei e bom cavaleiro e transforma em modelo de comportamento e notável seus grandes feitos e a mística que envolve a história do monarca fundador de Portugal.

1- A reconquista portuguesa no século XII e seu aspecto guerreiro

A análise de alguns elementos do primeiro monarca de Portugal Afonso Henriques (1139-1185) o soberano fundador de Portugal, que iniciou o processo de Reconquista do território português em domínio dos mouros. Dentro dos dados da pesquisa é perceptível que este rei teve seu modelo construído através de uma relação de comparação com os reis do Antigo Testamento.

Nos relatos cronísticos, este exerce a boa justiça contra os mulçumanos, assim espalhando a fé cristã através dos seus milagres como na batalha de Ourique quando Cristo crucificado teria aparecido nos céus, anunciando a vitória do povo português, fato apresentado na *Crônica de 1419*. O primeiro Monarca português se encaixa perfeitamente no modelo de rei cristão pois, este seria depois apropriado por D. João I para legitimar sua dinastia (Dinastia de Avis).

Afonso Henriques sempre é exposto nas crônicas como rei devoto, puro, cristianíssimo e virtuosíssimo e com características baseadas nos preceitos

morais daquela época pois este é exemplo para seus súditos. Afonso Henriques edifica "o sentimento que dá uma construção coletiva em torno do histórico da própria terra e de seu fundador" (FURTADO, 2015, p.02).

Por exemplo, mesmo depois de sua morte o poder simbólico de sua espada e de seu escudo repercutem pela sociedade portuguesa, fazendo uma ligação no período moderno com o rei D. Sebastião que pretendia usar as armas do rei fundador de Portugal na Batalha de Alcácer-Quibir, pois acreditava que a espada e o escudo eram "abençoados", mesmo suas simbologias construíram a figura no imaginário (MEGIANI, 2003).

"O mito é essencial para toda a formação do discurso monárquico em torno de tal figura, que surge como representação do modelo de guerreiro e cavaleiro, ideias para os padrões do contexto de reconquista da Península Ibérica medieval" (FURTADO, 2015, p.04). Foi essencialmente a construção dos modelos de rei que impulsionou não só o imaginário português e sim como povo português que realmente acreditava ser o povo escolhido por deus para espalhar a fé cristã e também na crença de que seus monarcas foram escolhidos por eleição divina.

O escudo do primeiro rei português passou a ser apropriado por uma série de nobres e cavaleiros, fato que não se limitou apenas ao contato direto com o monarca, e não se referiu exclusivamente ao seu poder. Portanto, entrando novamente no hall das marcas coletivas e de apresentação de um sentimento de pertencimento, ou até mesmo, reconhecimento. Reconhecimento esse que surge entre os iguais, cavaleiros que o acompanharam na famosa batalha de 1139, e que o ergueram, e o aclamaram rei: "o melhor e o primeiro entre os iguais. (FURTADO, 2015, p.05).

Partindo do juramento de Afonso Henriques no Milagre de Ourique, na *Crônica de 1419* é notório que esta se divide em três momentos: primeira parte o sonho com o Homem depois este Homem aparece pessoalmente e por fim Jesus lhe aparece crucificado anunciando sua vitória contra os mouros. É importante analisar de fato como a simbologia de povo escolhido fica presente nessa passagem já que além de o próprio Deus aparecer diante de Afonso Henriques, este anuncia sua vitória, mesmo que os mouros sejam muito mais numerosos que os próprios portugueses, sendo assim depois a sagração do

próprio Afonso Henriques como Rei de Portugal. Neste momento fica notório as virtudes que proporcionaram este milagre: Pois este é um nobre, guerreiro, virtuosíssimo e cristianíssimo.

O texto do juramento, então, aborda fatos que normalmente seriam qualificados como louváveis pelos portugueses. Trata-se de uma pessoa que vive uma experiência louvável e, em decorrência desta experiência, realiza um feito também louvável. A pessoa é o nobre e futuro rei Afonso Henriques. A experiência é a aparição do próprio Filho de Deus, que permite a percepção de tudo o que ele representa de bom. O feito é a vitória sobre infiéis que rejeitam o verdadeiro Deus, seu filho e também as suas sagradas virtudes. Em Portugal, por muito tempo, este texto foi encarado deste modo. O juramento, portanto, estaria todo impregnado de bons princípios e atitudes, ou seja, de virtudes. A leitura atenta do texto permite que sejam notadas estas virtudes consideradas justas, salutares e apropriadas ao longo de séculos. (SANTA CRUZ, 2013, p.217)

A partir da análise de Fábio Santa Cruz percebemos que está no juramento do próprio Afonso Henriques, reproduzido por Pedro de Mariz, o qual reproduziu o documento em 1597 na segunda impressão do seu livro *Diálogos de Vária História*, a análise deste sobre o ambiente medieval católico, demonstrando as virtudes do “Monarca Fundador”: habilidade de ler, boas obras, realeza, fé católica e entre outras. Percebemos que a admiração popular portuguesa se dá através desses signos que se constituem no símbolo maior da realeza que é o bem maior, o instrumento divino para a prosperidade e a glória do português, muito relacionado com os reis do Antigo Testamento e à ideia de messias, o “escolhido”, presente na discussão desta monografia.

Ao mostrar que ele não era apenas um guerreiro vitorioso, mas um verdadeiro instrumento de Deus, o autor apelava para a confiança na proteção sobrenatural e para a necessidade de continuar a obra por ele encetada. Por isso acumula uma impressionante quantidade de epítetos com que define as dimensões heroicas do nosso primeiro rei: gigante, leão rugidor, varão ilícito, valoroso nas armas, erudito na palavra, prudentíssimo nas obras, de engenho perspicaz, belo de corpo, desejável ao olhar, profundamente fiel a fé católica (*Totus in fide catholicus*), benévolo e devoto para com os ministros do culto, Todas estas qualidades tornaram-no merecedor de ser escolhido por Deus para dilatar as fronteiras cristãs e de ser constantemente ajudado pela clemência divina para levar a bom termo as suas empresas. (MATTOSO, 1992, p.31)

Todos esses apelidos contribuíram de forma significativa para construção sagrada do rei Afonso Henriques, no os relatos este aparece nas guerras, sempre como um instrumento de Deus, mesmo que antes de batalhas, faça estratégias, engenhos e etc... Seu poder é certamente divino no que se refere à crônica.

Demonstrando o espírito nacionalista português através da relação de Afonso Henriques com suas diversas biografias, além da análise diversos historiadores que contribuíram para a preservação do espírito nacional, reerguer a pátria da decadência, recuperar as tradições nacionais e fazer Portugal digno de seu Passado, este discurso está enraizado nas análises historiográficas sobre Afonso Henriques; a motivação de reavivar seu passado glorioso e reaver as grandes vitórias e sentir pertencente a este grande Portugal que fora durante o período Medieval instrumento de Deus e de Sua Gloriosa salvação.

O surgimento do mito presente na realeza se disfarça de identidade nacional. A partir desta análise partiremos ao fundo para perceber não só como o modelo de rei se cria em sociedade, mas como interage com esta através das crônicas e dos estudos bibliográficos. Assim se parte do pressuposto que a relação de Rei e sociedade se baseia nas estruturas do medievo. O Estado e povo, já que o rei é o Estado, mas, além disso, perceberemos como estes se relacionam e suas diversas particularidades.



Figura 1 – D. Afonso Henriques (1139-1185). Autor desconhecido.

2- A construção da Imagem do Monarca Afonso Henriques como Modelo de Rei cristão

Vale a pena ressaltar que Afonso Henriques além de ser modelo de rei e de ser imortalizado em diversas crônicas era um homem deveras habilidoso no âmbito político, guerreiro audacioso, grande estrategista, representante de todas as classes sociais.

Segundo Heitor Batista a construção simbólica do Monarca Fundador tem três etapas, primeiramente este é apresentado como fundador do reino, através de ações como guerra contra mouros ou diplomacia com os cristãos. O segundo momento seu retrato é pintado como o escolhido de Deus por meio da batalha de Ourique, a aparição de Cristo crucificado diz muito sobre esse episódio, demonstrado assim este como Rei de um Império Cristão e por último uma tentativa de eliminar episódios constrangedores em sua vida mantendo a santificação do herói português. Tanto que na análise documental é notório, cada vez mais episódios de glória do Rei D. Afonso Henriques, e sempre enaltecendo suas virtudes, sua sacralidade; temos poucos episódios de perdas do mesmo. Foi atribuído ao monarca português uma série de milagres em diversas guerras, que cada vez mais legitimam seu reinado nos relatos cronísticos. Proposital ou não fica clara a intenção dos cronistas sempre

demonstrarem D. Afonso como imbatível já que este é o maior símbolo da monarquia portuguesa.

Tamanha forma de coesão social requer não só uma construção ou edificação de sentimento nacional ou de mitos que evoquem o sentimento de pertencimento popular, demonstrando que antes de ser Modelo de Rei, Afonso Henriques era homem deveras sábio, inteligente e astuto que nem sempre precisou de um mito para se impor, como fica analisado através do estudo da autora Graça Videira Lopes.

De acordo com Mattoso:

Só um grande chefe militar como D. Afonso Henriques conseguiria criar no Portugal do século XII uma situação de coesão que pode resumir-se em três conceitos: unidade de sentimento, unidade intelectual, unidade de doutrina [...]. D. Afonso Henriques também revelou, em corpo inteiro, e com o sinal dos seus exércitos, a sua bravura e a sua força material, mas sempre as dominou pela força espiritual, sempre guiou pela vontade e pela inteligência, não como um deus, mas, de facto, e em termos humanos, como um Grande Senhor da Guerra (MATOSO, 1992, p.28).

Percebendo as diversas estruturas do Estado português, fica notório que a relação do povo com o Estado vai além de dever, mas sim também de um bem maior. Afonso Henriques representava clero, nobreza e povo e os mantinha em situação de coesão, demonstrando que este povo se mantinha pelo sentimento de ser. Assim voltamos para discussão de que o conjunto de bases do regime do monarca fundador vai muito além do simbolismo monárquico e sim numa questão de unidade já citada anteriormente, descortinando a relação do mito para assim percebermos que além de instrumento divino este homem sabia exatamente lidar com todas as relações e as utilizava a seu favor a fim de construir um Estado forte, coeso tanto em doutrina como em sentimento e intelectualidade, sendo homem do seu tempo.

Sobre a mitificação de D. Afonso I, simultaneamente herói profano e do sagrado, se irá assim elaborar paulatinamente a visão messiânica e providencialista de Portugal como uma nação investida por Deus, cujo o destino coletivo teria sido predito desde o momento primevo de sua fundação. Basicamente assente na lenda do milagre hierofânico de Ourique de 1139, em cuja elaboração final o Rei Fundador surge

como Imperador Constantino direta e profeticamente protegido por Cristo. (BATISTA, 2009, p. 88)

O relato da batalha de Ourique é a gênese do mito do Monarca Fundador, esta apresenta a escolha do filho de Deus. Afonso Henriques é escolhido para trazer a guerra santa aos infiéis, comandar Portugal e propagar a fé cristã, tudo isso com a intervenção sobrenatural.

Segundo Heitor Batista o modelo de santidade real é uma criação da Idade Média que une três elementos de cultura distintas. Percebemos isso nos atributos sacrais e divinos dos reis helenísticos e os imperadores romanos, atributos carismáticos dos reis germânicos ou poder sagrado que garante a invencibilidade. Estes atributos marcam o modelo de santidade régia que se desdobra na unção do rei.

Mas nem sempre Afonso Henriques fora imbatível, este demonstra como um herói é suscetível à derrota, mas também consegue extraordinárias vitórias. Antônio José Saraiva apresenta no que chamou de *Gesta de Afonso Henriques* que fora demonstrada por este em 1979 e que fora originária da versão primitiva de Coimbra e datarias um pouco antes do desastre de Badajoz, onde este fica de forma suscetível à derrota, demonstrando que o primeiro monarca português não é só um modelo perfeito tocado pelo sobrenatural, mas, sim que é um herói que pode ser submetido a trágicas derrotas e também a incontáveis vitórias.

Este episódio pode de certa forma representar a memória de um grupo do século XII que fez parte de um núcleo do exército de Afonso Henriques, construindo a memória do chefe guerreiro. Deste modo percebemos que as diversas obras bibliográficas sejam como crônicas ou textos historiográficos, as diversas visões sobre este modelo de Rei, onde as discussões, entre imaginário, política social fluem para este monarca.

Afinal cada um deles à sua maneira traçava do primeiro rei de Portugal a imagem que convinha ao seu grupo que, marcando uma posição face ao monarca, exprimia uma forma de identificação do próprio grupo, ou que, a partir delas, influenciava a imaginação de autores longínquos, mais impressionados pelos aspectos bizarros do que ouviam dizer do que pessoalmente interessados no seu sentido” [...] O retrato do herói colérico e com um destino trágico seduzia ainda a corte e não parecia indigno aos cortesãos desse tempo que a

monarquia tivesse sido fundada por um homem assim. O rei não se tinha ainda apropriado a do halo sagrado com que depois se veio a envolver.” (MATTOSO, 1992, p.41).

Trabalhando de fato com as questões das simbologias que cercam os modelos de rei cristão nas crônicas portuguesas, foi analisado as questões sobre os armamentos do Rei Afonso Henriques de certa maneira retratados na batalha de Ourique. Num primeiro momento é perceptível a sacralidade das armas do mesmo, já que estas foram enterradas com o monarca. Além do escudo da heráldica do poder presente no mesmo que levantam diversas questões, no caso a bandeira Portugal, onde percebemos que este ainda está representado, além das ligações anteriores de Afonso Henriques com as posteriores dinastias, além com ligação deste com o povo português, com a nobreza guerreira.

As crônicas e as narrativas imagéticas representam assim, uma das muitas formas de construção do discurso do poder, que não nasceu na Idade Média. Tratam-se de apropriações que vieram da antiguidade, em particular da antiguidade romana. As imagens apelativas do imaginário português são formas que compõem uma parte ativa do exercício do poder. Diferentemente do cetro e do manto, muito utilizados como atributos da expressão do poder régio atrelado a monarcas, o escudo de Afonso Henriques ultrapassou seu próprio contexto histórico. Tornou-se um símbolo para a nação portuguesa. Presente em grande parte dos escudos, bandeiras e brasões das grandes famílias de Portugal; em tronos, catedrais e capelas; livros de horas, iniciais de textos manuelinos, adornos entalhados, tapeçarias. Enfim, nos mais variados objetos que fazem alusão ao reino de Portugal (FURTADO, 2014, p. 7).

Através da análise de Matheus Furtado percebemos a lógica discursiva do poder do escudo do monarca Afonso Henriques, as apropriações do mesmo, percebendo a edificação do espírito nacionalista presente na batalha de Ourique e o signo utilizado para edificar esse sentimento nacionalista e o escudo que possui diversos significados. Estes significados partem da imagética do mesmo edificando a ligação do povo com o Rei, transformando-o em artefato constituindo corpo sagrado através do imaginário, tornando possível analisar a relação de pertencimento, que os diversos setores populares têm com o Estado, a partir disto a ligação da nobreza se apropriando

do símbolo do escudo, a representação na bandeira são ligações importantíssimas de serem aprofundadas.

Furtado (2015, p. 3-4) afirma a transformação do status dos símbolos guerreiros: “Os escudetes azuis em forma de cruz, pensados especificamente para narrar os acontecimentos da batalha de Ourique (a queda dos cinco reis mouros, a aparição mítica de Cristo crucificado voltado para Jerusalém e a vitória miraculosa) passam a representar, conseqüentemente, as armas do rei, moldado e reconhecido, dentro de Portugal, a partir dessa luta específica. ”

As armas de Afonso Henrique depois do milagre ganham um poder real, estas se tornam artefatos, com poderes míticos e reviver a memória desta batalha, através de símbolos, era comum a nobreza. D. Sancho filho de Afonso Henriques utilizou por muito tempo a figura dos escudetes azuis para trazer e evocar a memória de seu pai.

Dessa forma, o escudo da dinastia iniciada por Afonso Henriques é elevado. Possui uma mudança real de status, deixa de ser meramente uma marca de família, como são tantos outros brasões em armas, de tantas outras dinastias. Transforma-se no escudo e símbolo do reino e da posterior nação portuguesa. O mito é essencial para toda a formação do discurso monárquico em torno de tal figura, que surge como representação do modelo de guerreiro e cavaleiro, ideias para os padrões do contexto de reconquista da Península Ibérica medieval. (FURTADO, 2015, p.04)

O escudo fora apropriado por uma série de nobres cavaleiros, representado contato direto com o rei fundador e com seu poder, assim apresentando as marcas coletivas e a simbologia que se traduz no sentimento de pertencimento e reconhecimento. Reconhecimento esse que surge em meio a batalha, onde este é aclamado rei pelos seus próprios súditos.

As crônicas e as narrativas imagéticas representam assim, uma das muitas formas de construção do discurso do poder, que não nasceu na Idade Média. Tratam-se de apropriações que vieram da antiguidade, em particular da antiguidade romana. As imagens apelativas do imaginário português são formas que

compõem uma parte ativa do exercício do poder. Diferentemente do cetro e do manto, muito utilizados como atributos da expressão do poder régio atrelado a monarcas, o escudo de Afonso Henriques ultrapassou seu próprio contexto histórico. Tornou-se um símbolo para a nação portuguesa. Presente em grande parte dos escudos, bandeiras e brasões das grandes famílias de Portugal; em tronos, catedrais e capelas; livros de horas, iniciais de textos manuelinos, adornos entalhados, tapeçarias. Enfim, nos mais variados objetos que fazem alusão ao reino de Portugal. (FURTADO, 2014, p.7)

A imagem de Afonso Henriques foi construída em cima de milagres, seja no seu protagonismo na batalha ou na cura de enfermidades, no caso específico de suas armas estas transcenderam, para algo maior, se tornaram brasões ou estão presentes até hoje na bandeira portuguesa, o poder representativo do soberano português se cristalizou na tradição e na cultura de seu povo.

O escudo de D. Afonso Henriques não é apenas marca de um rei, tão somente narrativa de uma batalha, não é apenas imaginado (muito relacionado às descrições mais antigas, e imagens ali construídas o que proporciona uma efetiva variedade de elementos), mas é uma mistura de fatores. Foi o imaginário que o transformou em artefato, deu-lhe significados e a força para continuar a figurar a história, sem perder sua associação primária que é, em essência, a força portuguesa expressa pelo rei guerreiro. (FURTADO, 2014, p.12)

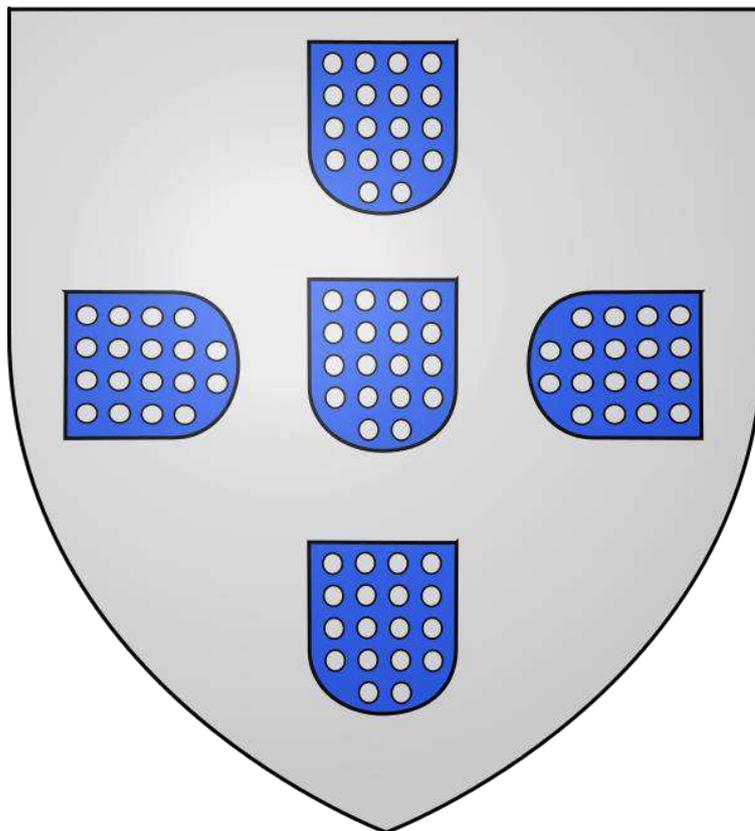


Figura 2- Escudo relacionado geralmente a D. Sancho em 1185.

A criação dos símbolos do escudo por parte do clero, associado a figura do rei a ao sagrado acusa a “criação do mito” novamente um setor da sociedade, dando base para a monarquia através do imaginário religioso, criando simbologias que evocam o sentimento nacionalista e também evocam o sagrado, partindo assim para a questão messiânica que demonstra que o escudo não só um artefato, mas também uma ligação do povo com Monarca.

Uma outra noção de imaginário que nos é muito válida é a construída por Cornelius Castoriadis em sua obra *A instituição imaginária da sociedade* (1982), na qual o autor afirma que o imaginário não pode ser encarado como algo estático e sem mudanças. O universo está associado ao conjunto de conotações sociais e políticas que a todo o momento o inserem em novas perspectivas e o ressignificam. Para Castoriadis “o imaginário é a *“criação incessante e essencialmente indeterminada de figuras/formas/imagens a partir das quais somente é possível falar-se de “alguma coisa”.* Aquilo que denominamos *“realidade” e “racionalidade” são seus produtos*” (CASTORIADIS,

1982, p. 13). No caso de Portugal, a cultura messiânica não é algo fixo e cristalizado durante todo o tempo em que pode ser observada. Ela altera-se de acordo com as conjunturas e a necessidade de aprimoramento do discurso político (RIBEIRO, 2014, p.12).

Fica claro que as várias crônicas escritas em seu nome, foram para favorecer a monarquia portuguesa Afonso Henriques e sua imagem são discurso político de legitimação para outras monarquias e a criação de símbolos, artefatos e mitos, tem como objetivo o sentimento de pertencer do povo português.

Pensando a partir dos relatos cronísticos que constituíram a imagem de Afonso Henriques presentes na proposta da longa duração (s. XIV, XV e XVI) todas com suas diversas especificidades a partir da análise da autora Kátia Brasilino Michelan e proposto nesta monografia analisar a *Crónica de El-Rey D. Afonso Henriques*, inserida na *Crónica de Portugal de 1419* (também conhecida como *Crónica dos 7 primeiros reis de Portugal*). Pensá-la de acordo com os modelos de rei cristão e como esta ajudou a construir a sociedade portuguesa.

Percebemos que essa crônica cria um referencial de nacionalidade e pode também ressuscitá-lo. Os esforços de diversos historiadores em buscar o passado glorioso de Portugal para criar um referencial de unidade, assim objetivando o resgate dessa glória e com objetivo de mantê-la (relembrar o passado glorioso para reavivar o sentimento nacionalista, embasar algum governo ilegítimo, ou até causar uma unidade ou reavivar as esperanças em momentos derradeiros). É notável que as diversas crônicas analisadas foram usadas em diferentes tempos com diferentes objetivos, mas, com uma coisa em comum: a exaltação da figura do monarca fundador e tradição do mito para continuação do mesmo. Segundo Michelan:

De saída, o que se percebe é que a produção do século XVI traduz uma clara maturidade na exposição da história do primeiro rei, como aponta a historiadora Ana Isabel Buescu. Isso porque, no século XVI, ganha impulso em Portugal uma vontade de afirmar a trajetória do reino e buscar as origens da recém-fundada nacionalidade, e a figura de Afonso Henriques passa a ser considerada uma grande referência dessa nacionalidade, por remeter à fundação do reino. A construção

da imagem de Afonso Henriques como símbolo da origem da nacionalidade, nesse século, se dá a partir de duas vertentes, segundo Ana Isabel Buescu: pela consolidação da narrativa mítica sobre a batalha de Ourique (1139), mito que justifica a independência nacional; e pela primeira tentativa de canonização do rei D. Afonso Henriques, no ano de 1556, ou seja, no final do reinado de D. João III (1502–1557). (MICHELAN, 2008, p.66)

De fato, as duas vertentes criadas sobre a imagem de Afonso Henriques, são propositais, uma para justificar a independência de Castela, assim a ruptura das obrigações com a mesma e a outra aclamando este como rei e buscando a origem da nacionalidade portuguesa.

Como foi mencionado, as diversas crônicas, gestas e livros de linhagens, tiveram grande importância para a construção da figura de D. Afonso Henriques, pois são registros de composições épicas, além de nos oferecerem diversas visões sobre o mesmo, também nos permitem perceber como estas obras foram utilizadas. Por exemplo, os livros de linhagens que tinham interesse de registrar a genealogia dos fidalgos para que obtivessem direitos e privilégios e também para que se pudesse evitar casamentos incestuosos. “*O Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* configura-se como uma grande coleção, concluída por volta de 1340, que trata da genealogia dos reis de Portugal, inserindo a tradição épica de D. Afonso Henriques e chegando a narrar um testemunho do próprio D. Pedro sobre o reinado de D. Dinis, seu pai”. (MICHELAN, 2008, p.69)

As crônicas tiveram papel fundamental na consolidação da imagem do monarca, mesmo que em cada uma se valorize um ideal diferente (ora imagem de grande guerreiro, ora imagem de escolhido ou de instrumento de Deus). É notório que as mesmas se repetem e que buscam passar para a sociedade de suas épocas ideias que precisavam ser seguidas e resgatadas como veículo de exaltação dos reis estas tiveram objetivos a serem buscados, mas também se perpetuaram pela história, figurando episódios de resgate, de rupturas e continuidades.

O ponto central se dá que as crônicas escolhidas pela autora Michelan em seu estudo têm etapas de compilação, reprodução e reconstituição: permitindo a este trabalho perceber que as diversas crônicas sofreram

mudanças e, além disso, foram base para difusão dos eventos míticos dos reis e veículo para exaltação destes, assim como foram veículos para exaltação do próprio povo português. Voltando para a discussão da História Política Renovada que busca entender como estas crônicas foram a base das simbologias que permitiram a instauração de um Monarca Fundador (Afonso Henriques se torna rei de Portugal), e também permitiram o embasamento de uma nova dinastia que tenta se ligar a este Monarca (Dinastia de Avis).

A tentativa de entender que a monarquia não influencia o todo social, mas, sim um movimento de dupla troca, uma via de mão dupla onde as crônicas são o veículo de difusão e os símbolos são as bases que sustentam todas essa cadeia de relações que continuam o reinado de Afonso Henriques, e que a união destes diversos fatores se reproduziu através dessa longa duração constituindo até nos dias de hoje continuidades deste reinado.

Este é um ponto, todavia, em que a análise política remete para fora de si própria, obrigando a passagem de considerações metapositivas. É forçoso reconhecer aqui a dimensão simbólica do político e conceber o poder monárquico como uma das formas fundamentais de constituição do todo social – o qual, de resto, como Lefort e Gauchet têm mostrado em vários e importantes textos, não existência real, só se podendo constituir simbolicamente no movimento cissiparo de engendramento do político a partir do social. (TORRES, 1989, p.87)

No que diz respeito à questão da guerra justa percebemos que o poder monárquico a usa como a guerra como estrutura de imposição de poder, a discussão que o Estado é único capaz de manter o monopólio da violência no caso do Estado português este utiliza a guerra justa para aumentar o limite de suas fronteiras e expandir seu poder, as batalhas consecutivas na Península ibérica contra os mouros, além de terem este objetivo de conquista tem no seu amago a expansão da fé a doutrina esta intrinsecamente ligada nesta questão, mantendo a defesa da soberania absoluta e a unidade de culto, assim percebemos que as guerras justas exercidas por Afonso Henriques e conseqüentemente as suas vitórias exaltaram o mito do Afonso Henriques, pois esta vitórias embasavam cada vez o mito do “Instrumento de Deus” e fortificaram a tradição messiânica portuguesa.

Este primeiro capítulo teve como objetivo, apresentar o monarca D. Afonso Henriques, demonstrando seus aspectos guerreiros e o contexto

histórico de Portugal no século XII, assim demonstrando o período de reconquista português e a análise historiográfica do Rei, demonstrando as diversos trabalhos escritos sobre o mesmo, partindo para construção de sua imagem através de símbolos, bibliografias escritas a partir do monarca enfatizando que a sua imagem tem construções em momentos distintos e fazendo questionamentos sobre a manutenção desta imagem.

No próximo capítulo explicaremos os aspectos guerreiros do monarca D. João I, da Dinastia de Avis e o uso da imagem de Afonso Henriques por essa dinastia. Percebendo as diversas apropriações que a imagem do mesmo sofrerá, não só como instrumento de legitimação, mas também como instrumento de justificativa para guerras.

CAPÍTULO 2

A DINASTIA DE AVIS EM RELAÇÃO A AFONSO HENRIQUES

1- Aspectos guerreiros de D. João I

D. João I (1383-85/1433), primeiro soberano da Dinastia de Avis, nasceu em Lisboa 1357, através de uma relação extraconjugal do Rei D. Pedro (1357-1367) com Dona Tereza de Lourenço, mulher natural da Galiza. Sua origem era bastarda e sua criação e educação teve como primeiro responsável Loureço Martins, com quem viveu a infância, posteriormente foi designado a D. Nuno Freire de Andrade, mestre da Ordem de Cristo e chanceler de D. Fernando. Estes responsáveis pela educação de D. João eram homens letrados.

Desde muito cedo os feitos de D. João I, como cavaleiro se destacavam; aos sete anos fora armado como cavaleiro e mestre da Ordem de Avis, pelo seu pai D. Pedro. De acordo com Fernão Lopes, D. Nuno teria aconselhado o Monarca a entregar o título ao seu filho ilegítimo.

A investidura conforme relatada pelo cronista buscou fortalecer sua imagem como militar, e perceber que desde a infância este tinha habilidades como grande cavaleiro. Por isso, traria honra para Portugal e o defenderia dos perigos que o reino poderia enfrentar. Era necessário criar elementos legitimadores para a casa de Avis.

Procuramos analisar a figura D. João I que se torna regedor de Portugal em 1383, quando lutou contra dois grupos que queriam tomar o poder em Portugal: a viúva do rei D. Fernando, último rei da Dinastia de Borgonha e o rei de Castela, casado com a filha de D. Fernando e que pretendia ocupar o reino luso. Também em 1385, já como rei, D. João enfrenta uma difícil batalha contra o rei de Castela, a Batalha de Aljubarrota, vencida pelos portugueses e é o responsável pelo Movimento de Avis (1383-1385).

D. João era mestre da Ordem Militar de Avis e por isto, havia feito juramentos que o asseguravam à vida de cavaleiro e que o impediam do matrimônio. Assim possuía somente aquilo que é caracterizado por Rebelo como carisma de poder. D. João, porém, se apossa da coroa após a morte de seu irmão D. Fernando já o antigo rei não possuía herdeiros masculinos diretos. ” (RIBEIRO, 2014, p.24)

D. João I era de origem bastarda e precisava de legitimação simbólica para garantir a sua coroa e a continuidade de sua dinastia, por isso, o cronista Fernão Lopes constrói a imagem do "Messias de Lisboa" que é centrada na ideia de que D. João seria o soberano escolhido por Deus para governar e "salvar" o reino português das ameaças estrangeiras, o que é contado na *Crónica de D. João I* (ZIERER, 2009). Além disso, neste mesmo relato, os incontáveis milagres realizados por D. João alimentavam a ideia messiânica e o imaginário português que, mais tarde será associado com Afonso Henriques e fortificara cada vez a ideia do povo português sendo eleito por Deus para obter glórias.

Um elemento a ser ressaltado sobre a crônica de D. João I é a relação entre religiosidade e a sua apropriação pelo poder político. Desta forma, através do relato de Fernão Lopes, D. João é apresentado como Messias de Lisboa, o bom exemplo de cristão capaz de salvar o reino português do domínio castelhano, o que garantiria no futuro também a salvação espiritual dos habitantes de Portugal. (ZIERER, 2009, p. 53).

O Rei detinha diversas obrigações, tanto com seu povo como em face de Deus, este seria defensor da fé cristã e conseqüentemente defensor de seu povo, além das obrigações com a Igreja e o papado. Como exemplo o Rei governa somente espaço de sua nação enquanto o papa governa sobre toda Cristandade, no caso dos nobres o rei está ligado ao mesmo nas relações de suserania e vassalagem. Este era o representante de Deus na terra.

Este trabalho tem como objetivo analisar estes modelos de monarcas que são relacionados cada vez mais com os reis do Antigo Testamento ou até mesmo Jesus Cristo, o monarca tem o dever de levar seu povo à salvação, representando filho de Deus onde nos seus reinos existe paz e justiça.

É importante ressaltar que o trecho da *Crônica do Rei D. Afonso Henriques* demonstra em uma de suas passagens no cap. XXII: "E tomou loguo o castelo de Mafra, e deu-o a D. Fernão Monteiro, que foy o primeyro Mestre d Avis que ouue em Portugal. " Demonstrando que as diversas conquistas dos reis, eram usadas como relação de suserania e vassalagem, sempre pela manutenção do poder vigente manutenção.

Mesmo que muitos podem questionar que as políticas de suserania e vassalagem possa enfraquecer o rei, pois este doava diversos pedaços de terra para diversos nobres, e assim descentralizando o poder da mão do mesmo, estudos da história política se contrapõem a essa visão, demonstrando que o Rei conseguiu efetivar suas alianças, no sistema de poder inserido. Não só pelos os aspectos estudados aqui, nas questões de modelo de cristão e cavaleiro, as questões de honra e fidelidade ao seu rei.

Discutindo o poder dos reis, é necessário explicar a fonte de poder do mesmo, o que faz eles serem legítimos o que os torna real. O poder real se apoia na unção do Antigo testamento, percebemos a relação entre os reis do Antigo Testamento e os reis da Dinastia de Avis. Segundo o Autor Marc Bloch o bispo “unge esses novos Davids, em diversos pontos dos seus corpos, com um óleo bento: gesto cujo sentido universal, na liturgia católica, é o de fazer passar um homem ou um objeto da categoria de profano à de sagrado” (BLOCH, 1987, p. 447).

Com o passar dos tempos, o ritual de unção régia associou-se com o de coroação. Por este motivo, para as massas, o caráter sagrado não se traduzia em uma noção de que o rei se tornava agora uma espécie de clérigo. Em torno da monarquia, passa a ser elaborado todo um conjunto de lendas e simbologias. A aura maravilhosa que rodeava as personagens monárquicas deu-lhes respaldo e legitimação. Houve dinastias que associaram suas ações e linhagens a personagens da Bíblia, a grandes guerreiros e até mesmo a seres fantásticos e diabólicos (RIBEIRO, 2014, p. 38).

O ritual da unção era necessário para legitimar o rei demonstrar para o povo que este era o escolhido, além de prover simbologia a monarquia, torna-la magnífica e compara-la com os personagens da Bíblia, esses atributos estavam ligados ao ato de coroação e para seu povo este se tornava um salvador o escolhido por Deus.

2- A construção da Imagem de D. João I

A imagem e figura de D. João I dentro da historiografia português, não demonstra ser coesa, a partir de cada época essa fora ressignificada e

reinterpretada de acordo com os interesses de cada época, dando ênfase no interesse político.

Mas, é notório que todas as imagens construídas sobre D. João I são influenciadas por Fernão Lopes. O cronista edificou a imagem do monarca forte, tanto fisicamente quanto moralmente, a partir de diversos discursos que buscavam sua legitimação como rei. Percebemos que a escrita da história se torna cada vez mais importante por causa deste período de legitimação destes reis e assim o poder real passa a ser seu maior patrocinador, cada vez mais procurando uma ligação do passado para com o presente, demonstrando e edificando o sentimento de pertencer e cada vez mais a nacionalidade.

O povo português procurou cada vez mais registrar e propagar seus grandes feitos de seus reis e de seu povo e de sua origem nobre, sendo assim o povo escolhido por Deus para levar a fé cristã para o resto do mundo e principalmente no fundo de tudo isso buscava a legitimação.

Era necessário legitimar D. João, mas não só legitimar, criar uma imagem de monarca, de escolhido de Deus, algo que fosse incontestável:

O caso da *Crónica de D. João I* é o de um rei e seus herdeiros que precisavam validar e fortalecer seu poder que havia sido conseguido por meio das armas e nascido na ilegitimidade. Ainda, a escrita da crônica e dos feitos do monarca serve ao intuito de legitimar não só a figura régia, mas também todos aqueles que haviam subido ao poder juntamente com ele. De uma nova classe de nobres que havia conseguido seus títulos por meio da batalha” (RIBEIRO, 2014, p.32).

D. João I como já fora dito era de origem bastarda, demonstrando que este deveria legitimar sua descendência a partir de feitos heroicos. Ao longo do tempo Fernão Lopes dissertou muito sobre a figura de D. João, ora pela figura bastarda tentando escondê-la ora tentando demonstrar que não era vergonha alguma ter uma origem bastarda, mas nobre que não mancharia a árvore genealógica de um nobre ter um filho bastardo.

Diante de todos estes fatos as produções historiográficas lusas buscam demonstrar o Movimento de Avis como uma revolução burguesa. D. João I se torna rei de Portugal, fica marcado pela História com uma imagem de rei salvador, uma figura heroica. Teria salvado Portugal do jugo dos castelhanos e da pobreza que o mesmo se encontrava.



Figura 3 – D. João I (1385-1415). Autor Desconhecido.

3- As narrativas escatológicas e o messianismo régio

As diversas narrativas escatológicas em Portugal são consequência da ocupação de diversos povos em seu território: cristãos, mouros e judeus. É notável que os temas do imaginário religioso convergiam para as narrativas de fim dos tempos e salvação, assim abrindo precedente para os temas milenarista e messiânicos, cada vez mais ativos na mentalidade dos diversos povos e suas relações de poder. O foco da análise do Monarca em meio a todos esses temas é o de Messias, Salvador que tem o dever de proteger e salvar seu povo levando a “guerra justa” aos infiéis e propagando a fé cristã.

Dentro da construção da imagem de D. João I foi embasada com o medo de fim dos tempos que é bem característico do período medieval, em especial dos séculos XIV e XV. Além da fome, guerras, exploração dos pobres, revoltas, peste, entre outros elementos, muitos acreditavam no fim do mundo. Então era lógico que a sociedade portuguesa que apresentava a mentalidade fortemente ligada ao cristianismo, esperava um messias, um salvador. Além disso, havia ocorrido o Cisma do Ocidente dividindo a Igreja Católica, em dois papas, o papa de Roma e o papa de Avignon. Isso ajudou a ressuscitar as ideias de luta do bem contra o mal, a luta do Imperador dos Últimos Dias contra o Anticristo e depois disso a felicidade reinaria sobre a Terra antes do Juízo final (ideias milenaristas) (ZIERER, 2009).

Conseqüentemente as batalhas lideradas por D. João nas crônicas apresentam diversos milagres, ensinamentos e constatações, pois, de acordo com a descrição de Fernão Lopes ao cerco de Lisboa é constatado a proteção divina ao povo português. Esse cerco foi imposto pelo exército castelhano à cidade de Lisboa em 1384. Mas esta proteção divina só é conseguida a partir de orações feitas pelo povo português.

Podemos perceber os diversos milagres que Deus, segundo Fernão Lopes, faz ao povo português durante o Cerco, em virtude de D. João ser o eleito de Deus: a aparição de seres angelicais, a chuva de cera que cai do Céu e a grande pestilência enviada somente ao exército castelhano. Então a vitória é conseguida pelo escolhido de Deus, D. João, este é apresentado como grande seguidor do evangelho e os castelhanos baixam o cerco. Portanto, segundo Fernão Lopes somente D. João seria capaz de construir uma sociedade que se baseia em laços como lealdade territorial e nos preceitos do catolicismo.

As crônicas são encomendas para garantir a legitimação da Dinastia de Avis, que havia nascido com a ascensão de D. João I ao trono. As suas carências de sangue tornaram imperiosa a necessidade de se criar uma nova história e propagar uma memória que legitimasse o poder da nova casa real. No caso dos reis medievais, quando se coloca uma memória em escrita, outra sempre é deixada de lado (LE GOFF, 2003, p. 437). Assim, todo o discurso da obra analisada revela o seu contradiscurso. Na *Crônica de D. João I*, em nenhum momento Fernão Lopes deixa escapar a lembrança de que D. João é um bastardo, somente o caracteriza como “filho de rei”. (RIBEIRO, 2014, p.84-85)

Realizamos também nesta etapa do estudo, diversas comparações de D. João I com o rei Afonso Henriques, pois o modelo de rei messiânico que é encontrado na *Crônica de 1419* do rei Afonso Henriques (1139-1185), é reapriado nas crônicas onde D. João é retratado. O relato de 1419 é anônimo, mas é possível que Fernão Lopes seja o autor tanto dessa crônica, quanto o é de fato da de D. João I. Desta forma, talvez tenha retomado um modelo messiânico de rei criado provavelmente por ele mesmo e o enriquecido, criando uma conexão entre os modelos de monarca para sustentar a dinastia de Avis.

"Afonso Henriques e D. João I são apresentados em suas crônicas como escolhidos por Deus para serem reis de Portugal, agindo como espírito de cruzada contra os infiéis" (MEGIANI, 2003, p.87-88). Estes exercem seus papéis de instrumento divino para a garantia da salvação do povo português.

Partimos para o último rei da dinastia de Avis D. Sebastião (1554-1578) mesmo antes de seu nascimento nomeado como "O Desejado", morreu de forma precoce na batalha de Alcácer-Quibir contra os mouros (1578), onde este pretendia reviver o espírito cruzado medieval, na luta pelo restabelecimento do cristianismo. Sua morte gerou uma onda messiânica centrada nas trovas de Bandarra, que pregava a vinda de um rei messiânico capaz de garantir um futuro melhor aos portugueses.

4- D. Sebastião, e o fim da Dinastia de Avis

Analisando as questões do nascimento de D. Sebastião (1557-1578) percebemos, as diversas dificuldades impostas ao mesmo, a instabilidade do trono português, ou até mesmo a saúde frágil de seu pai Príncipe João (1537-1554), único herdeiro do trono português e este se casou dezesseis anos, com D. Joana de Castela, para gerar um herdeiro. Segundo a autora Ana Paula Megiani (2003) o clima de insegurança se instaurou com a morte do Príncipe, vinte dias antes do nascimento de seu filho. A população portuguesa entrou em um estado de aflição envolvendo todas as esferas sociais nobres e populares, onde estes se organizavam em vigílias e promessas pelas bênçãos ao herdeiro, depositando toda sua fé na criança que estava por nascer, que já era responsável pela autonomia do povo português.

Deste modo, a autora descreve o nascimento de D. Sebastião cheio de expectativas, anseios e comoção nacional, percebemos o imaginário religioso do povo português, que este episódio constrói e legitima a imagem de Desejado, Ungido por Deus, demonstrando que o monarca português é escolhido por deus para governar e salvar a nação.

Enquanto que o rei messiânico e/ou milenarista não permanece em tal concepção. Ele passa a representar a imagem de uma espécie de Cristo

encarnado que traria um reino de mil anos, repletos de felicidade, fartura e justiça. Assim, o recurso político utilizado por alguns reis, como forma de atrair a devoção dos súditos, passa a possuir então um discurso anti-clerical. (MEGIANI, 2003, p.39).

Como homem de seu tempo D. Sebastião era suscetível às tradições presentes em seu povo (a nobreza buscava legitimidade na mitificação de seus ancestrais dinásticos) naquela época, assim nasce o ímpeto de combater no norte da África, buscando reviver as glórias do reino como aconteceu com o rei D. Afonso Henriques. Procurando não só uma ligação com o mesmo, mas também procurando a vitória milagrosa contra os infiéis, para reavivar a glória do reino português, buscando a mesma vitória no Campo de Ourique.

As circunstâncias sociais, políticas e econômicas da época de D. Sebastião combinam com as tradições milenarista e messiânicas do imaginário português, indo ao encontro da figura de D. Sebastião e remontando a imagem deste como Rei e salvador, este não só personifica a lógica messiânica como a traz para si mesmo.

Dentro da análise feita sobre D. Sebastião, procuramos compreender primeiramente a causa de seu ímpeto de reviver o espírito cruzadístico, associado ao primeiro monarca de Portugal e conseqüentemente entender as repercussões de sua morte. É muito importante perceber que na vida do último monarca da dinastia de Avis fora baseada no modelo de rei cristão que se encontra nas crônicas portuguesas. Este durante o seu reinado buscou se aproximar ao máximo dos modelos gloriosos da dinastia de Avis, por acreditar que se seguisse seus preceitos poderia levar Portugal à salvação e à glória tão esperada.

Desde seu nascimento este era aguardado, pois afastava o perigo do domínio espanhol sobre Portugal. Em sua educação fora criado pelo tio, o cardeal Henrique, que foi membro do Tribunal da Inquisição e que defendia a política de retorno da conquista do norte da África, representando o retorno do espírito cruzadístico contra os mulçumanos, além de ser influenciado pelas crônicas de Duarte Galvão (que narravam os feitos de Afonso Henriques) e por narrativas que tinham como cerne a virgindade como superioridade do

guerreiro, inspiradas nas novelas de cavalaria, como *"A Demanda do Santo Graal"*:

A expectativa de um rei salvador estava presente no século XVI, pois com o fim das conquistas do século XV e dificuldade na manutenção do império conquistado havia a necessidade de que um rei desejado chegasse e tivesse a devida formação." (ZIERER, 2009, p. 67).

No imaginário português a fé em seus reis que são baseados em modelos de bons cristãos sempre foi muito forte, inspirado por estes feitos dos antigos reis, D. Sebastião tinha absoluta certeza que sairia vitorioso em Alcácer-Quibir. Este depositava sua fé e glória nos modelos de rei cristão da dinastia de Avis assim, como povo português, principalmente no modelo que este procurou mais se assemelhar D. Afonso Henriques lendo diversas crônicas procurando de forma que seguir os passos deste para ter a vitória reavivar o espírito cruza dístico, cogitou até mesmo utilizar as armas ditas "sagradas" de Afonso Henriques, sempre tentado se assemelhar ao máximo a este modelo de rei que se saiu vitorioso por diversas vezes e trouxe glória ao povo português.

Enquanto que o rei messiânico e/ou milenarista não permanece em tal concepção. Ele passa a representar a imagem de uma espécie de Cristo encarnado que traria um reino de mil anos, repletos de felicidade, fartura e justiça. "Assim, o recurso político utilizado por alguns reis, como forma de atrair a devoção dos súditos, passa a possuir então um discurso anti-clerical". (MEGIANI, 2003, p.39).



Figura 4 – D. Sebastião I (1557-1578). Autor: José Malhoa

Em Portugal havia uma ideia de "superioridade natural" da realeza, daí a preocupação com a formação e educação do rei a partir da Dinastia de Avis, o qual deveria ser preparado para uma "missão". Este deveria ser capaz de ampliar mercados e levar ao mundo toda a verdade da fé católica. (MEGIANI, 2003, p.66).

Só que este veio a óbito de forma precoce em 1578 na batalha de Alcácer-Quibir, no Marrocos contra os mouros. O seu corpo nunca foi encontrado, deixando em aberto a crença que este ainda poderia voltar ao trono português. Dois anos após a sua morte, Portugal caiu sob o domínio de Castela, por um período de 60 anos, a chamada União Ibérica (1580-1640), gerando assim os diversos mitos sobre a figura de D. Sebastião.

“Por exemplo, o mito do “encoberto”, relacionado a personagens medievais como Frederico Barba Ruiva ou Rei Arthur, que um dia este iria voltar para trazer a prosperidade a Portugal. O mito do Encantado que perpassa o *Arraial de Canudos* na Bahia, a Ilha dos Lençóis e alguns terreiros de mina no Maranhão. A volta da circulação das Trovas de Bandarra, transformou o sebastianismo em ideologia, que gerou uma onda messiânica nas sociedades, não só portuguesas que ecoa até hoje, não apenas em Portugal como no Brasil.

É a partir de tais construções messiânicas em volta de sua figura que nasce a *Lenda do Encantado* no município de Cururupu, em especial na Ilha dos Lençóis, onde o imaginário medieval atravessa o oceano e lança sua influência em terras maranhenses. De modo que, ainda hoje se acredita que D. Sebastião, na forma de um touro com uma estrela branca nas têmporas, corre nas noites de lua cheia. Segundo o mito, quando o monarca desencantar ocorrerá o afundamento da capital São Luís e nas praias de areias alvas, emergirá a corte de Queluz, uma nova Jerusalém” (ZIERER, 2007, p.12).

A colonização portuguesa traz consigo sua cultura e mentalidade, o nobre português, conquistador e bom cavaleiro, traz consigo o desejo de espalhar a fé cristã pelo novo continente e assim os mitos da realeza portuguesa que se propagaram no Brasil, os vários messianismos espalhados pelas regiões se traduzem na lógica da salvação de que o escolhido de Deus surgirá para salvar um determinado povo.

As diversas crônicas que construíram diversos modelos de reis, analisados neste trabalho que permitem a interpretação de elementos do bom cavaleiro, bom cristão e do messianismo régio apontado nas diversas crônicas. A percepção do imaginário enquanto um artefato, figura que molda o imaginário português, auxiliando num processo de formação e consolidação para um patrimônio cultural dessa específica coletividade, a produção da sociedade portuguesa no caso a criação dos modelos dos seus reis é característica do aspecto antropológico social.

"Mas no caso português, o imaginário acerca dele é em si mesmo um artefato enquanto conceito, já que ele apresenta a lógica discursiva de poder, a legitimação é empregada por muitos monarcas medievais." (FURTADO, 2015, p.07).

A autora Ana Paula Megiani (2003) disserta sobre os impactos tradições nesses diversos povos, a mesma destaca que a presença destes elementos messiânicos em nossa cultura política e até mesmo o aparecimento destas lideranças carismáticas, se manifestam em momentos de crise e transições, sejam elas religiosas ou políticas ou uma combinação das duas. A pesquisadora demonstra que o movimento messiânico é presente tanto na ótica rural ou urbano-industrial, adaptando-se as condições das diversas épocas. Essa herança está presente na cultura portuguesa católica que nos chega através da colonização e está ligada ao imaginário português, nesse caso o desbravador colonial que é ou colonizador ou missionário.

Este segundo capítulo visou demonstrar a dinastia de Avis em relação a D. Afonso Henriques, focando nos principais monarcas que utilizaram da imagem do Rei Fundador de Portugal para legitimar-se, como por exemplo, o caso de D. João I. Outro que utilizou a imagem do primeiro rei português para reavivar o período da Reconquista e como modelo a ser seguido foi D. Sebastião, como vimos. Aqui fica claro que os monarcas citados antes construíram seus reinados inspirados na imagem de Afonso Henriques, seja a partir das crônicas ou de seus signos. A necessidade de se religar com o passado é extremamente necessária para esses monarcas, pois é preciso buscar esse sentimento de pertencimento do povo português, assim eles buscam Afonso Henriques para ser suas bases.

CAPÍTULO 3

PODER, MEMÓRIA E OS MODELOS DE REIS CRISTÃOS NA *CRÔNICA DOS SETE PRIMEIROS REIS PORTUGAL*

Este capítulo visa analisar as diversas crônicas presentes na *Crônica dos Sete Primeiros Reis de Portugal*, além de discutir os diversos cronistas citados no presente trabalho até agora discutindo suas interpolações e construções literárias a fim de buscar o imaginário português, mas principalmente este capítulo visa demonstrar o modelo de rei cristão presente na *Crônica do Rei Afonso Henriques*.

Buscando entender as diversas obras literárias, como registro histórico de um povo que buscou legitimar e perpetuar seus reis. Analisando as fontes e procurando suas origens, demonstrando que entre os diversos autores relacionados à coroa portuguesa, modificaram ou copiaram textos adaptando-as condições que se encaixavam a cada época.

1- A coleção das crônicas dos reis de Portugal e o Códice Cadaval 965

Graças à Marquesa de Cadaval fora examinado os manuscritos da casa dos Duques de Cadaval, fora analisado um códice do tempo de D. Manuel, que retratava uma viagem de Vasco da Gama, chama atenção entre o título e o prologo Crônicas dos reis de Portugal e este título ainda dizia: “<< Estas sam Coronuqas dos Reys de Portugal em que se declara a sua gronologia e tronquo e linhagem domde decemdem, começando em o Comde D. Anrique até elRey Dom/ Johão ho segundo/ Afonso deste nome o quarto, e setymo Rey de Portugal>>”.

A coleção começa das crônicas de conde D. Henrique, e acaba a f.217 com o último capítulo da Crônica de D. Afonso IV. Mas o nome de D. Afonso IV não foi escrito pela primeira mão, quem escrevera foi Johao o segundo, palavras canceladas e substituídas por mais mãos mais recentes como nome de D. Afonso IV. A correção aparece até no séc. XVI, o título do códice Cadaval

985 indicava as Crônicas dos Reis de Portugal, até o pai de D. Manuel, então reinante.

No Prólogo, que nos códices e edições da *Crônica de D. Afonso Henrique* atribuída a Duarte Galvão (1517), no título do mesmo o autor fala da vida e dos excelentes feitos dos reis de Portugal e seus antecessores que ordenaram os escritos: “A. mui afincadamente que os notáveis feitos dos... vossos antecessores, escritos e posto por negligencia de escritores ou culpa dos tempos, não só em menos polidam, mas ainda em desordenada... memoria, os quisesse ordenar a escrever”.

Diante da importância do cargo de historiador dos reis de Portugal, Duarte Galvão apresenta-se como autor das vidas de todos os antecessores de D. Manuel, no caso que certamente não são de sua autoria. De fato, o que importa é que a coleção da *7 Crônicas dos Reis de Portugal* de D. Afonso Henriques até D. Afonso IV (1357), teria sido originada na oficina de cronistas de D. Manuel, Duarte Galvão e Rui Pina, mas estes não foram os pioneiros, passando por Gomes Eanes de Zurara (1471), encarregado por D. Afonso V de ser historiador de D. João I, chegamos a Fernão Lopes, tantas vezes citado nessa pesquisa, que 19 de março de 1434, D. Duarte o encomendou Crônicas as histórias dos Reis de Portugal. Neste ofício sucedeu-lhe a Gomes Eanes de Zurara, por cartas de D. Afonso V de 1451 e 1452. E ainda Gomes Eanes substituiu Fernão Lopes na Torre do Tombo em 1454.

A *Crônica dos 7 Primeiros Reis de Portugal* aparece sendo copiada por diversas mãos durante o tendo da chancelaria de D. Manuel, cujas cópias estas parecem cada vez mais terem a interferência dos Cronistas-Mor Duarte Galvão e Rui Pina. Duarte Galvão escreveu o prólogo e certamente mandou copiar a *Crônica de D. Afonso Henriques*, que lhe serviu de fundamento.

A partir da análise é notável quando se confrontar os 3 primeiros capítulos da *Crônica de D. Afonso Henriques* e do *Códice Cadaval 985* e nas edições da crônica do Rei, atribuídas a Duarte Galvão, não pode negar cópia, percebemos mudança de grafia, repartição de capítulos e interpolação.

Escritas por diversas mão de chancelaria ou por Rui Pina ou por Duarte Galvão, a cada passo parecem intervir na redação ou na cópia. Não sabemos a

quem atribuir autoria nas diversas crônicas destes reis contidas no códice Cadaval 985, mas o que podemos afirmar que os diversos cronistas seguiram os interesses dos reinos de suas épocas.

2-Crônica do Rei D. Afonso Henriques

A análise da crônica do Monarca fundador de Portugal demonstrando seu caráter de modelo de rei, bom guerreiro, virtuoso buscando perceber estas características desde seu nascimento até o fim de sua vida, buscando através da literatura entender a sociedade portuguesa, as suas guerras, relações de poder e sua cultura messiânica e milenarista. Buscando entender não só o Rei e sua posição e sim buscando entendê-lo como modelo a ser seguido, demonstrando diversas vezes as comparações e passagens bíblicas demonstrada nesse documento, seja pela comparação do monarca com os reis do Antigo Testamento ou mesmo a sua forma de guerrear presente nas passagens bíblicas.

O começo da *Crônica de D. Afonso Henriques* aponta uma sacralidade, pois o autor começa bem dizendo a mesma, clamando louvores, demonstrando que dentro da história do rei o espírito santo sempre esteve presente, demonstrando a história dos reis de Portugal, sempre muito esclarecidos, com nobres corações e está deve ser lembrada como eterna memória:

Comesando de espereuer as vidas e mui excelentes/ cousas e / feytos dinos de eterna memorja dos muy esclarecidos Reis de Portugal, encomendo-me aqule guyador de seus nobres e virtuosos corações, Espirito Sancto, que asy como parteçipou com eles de sus infinida graça pera os obrar, me queyra dar alguma pera os espereuer e asemtar, na grande excelemçia de tão louuadas obras. ” (CDAH, 1419 Cap. I, p. 5).

Ao dissertar da crônica, o pai de D. Afonso Henrique é citado diversas vezes como bom cavaleiro, guerreiro exímio e propagador da fé crista, sempre guerreando contra os mouros, demonstrando virtude e fé, aqui fica claro a ancestralidade portuguesa que mitifica como já fora dito seus Reis, o foco seria seu filho Afonso Henriques, mas a crônica demonstra que mesmo antes de seu nascimento seu pai já era bom e nobre cavaleiro.

E era este D. Amrjque muy discreto e esforçado caualeiro, e não menos de todas outras bondades comprjdos. Trazia em seu escudo d armas campo bramquo, sem outro/ f.3v / nenhum synal. E amdando sempre na guerra dos Mouros com elRey D. Afonso, fez muytas e asynadas caualarjas, por homde delRey e de tidis era muyto estimado e querydo, asy mesmo o Conde de Tolosa, seu tyo, e o Conde de S. Gil Proemça. ” (CDAH,1419, Cap. I, P.7)

Assim inicia a História de Portugal com Conde Henrique que recebeu condado de Portugal de D. Fernando numa das demais relações de suserania e vassalagem pois quando D. Fernando precisasse de ajuda, D Henrique deveria ajuda-lo pelos laços de cavalaria, este deveria honrar seu juramento, além do casamento entre D. Henrique e Dona Tereza que descendiam os reis de Portugal.

D. Fernando e ele, ganharam nas comarquas de Beyra, E tudo o que lhe asy deu, fez Condado de Portugal, com tal comdição, que o Comde D. Anrjque seruyse, e fosse as suas Cortes e chamados. E sendo caso que fosse doemte, que tiuese legitimo Jmpedimento em não poder hir, lhe mandase hums dos majs primcipes da sua terra a seu seruyço, com tezemtos de cauallo, nom avendo aquele tempo majs naquela terra Portugal. E ajnda lha asynou majs terra, da que os Mouros possoyam, que a comqujstase, e tomandoa acreçemtase em seu Condado. Deste Comde D. Amrjque e de Dona Tereja, sua molher, deçemderom todos os Reys de Portugal, que ate aguora foram. E a causa porque se a terra chamou Portugal, foy porque antiguamente sobre o Dourro foy pouoado o Castelo, e por aportarem hy mercadores em navios e asy pescadores pelo ryo demtro, e amcorarem e estenderem suas redes da outra parte do ryo, e pera yso / ser / majs conveniente, se pouoou outro lugar que se chamou o Porto, que ora he cidade muy principal. Domde, ajumtados estes dous nomes, / saber Porto e Galia / foy chamado Portugal. (CDAH, 1419, Cap. II, p.8-9)

É bem interessante demonstrar a origem de Portugal, seus descendentes e até mesmo de onde surgiu seu nome. A história demonstra essas diversos fatos, percebemos que os cronistas têm um cuidado especial em registrar os eventos esclarecer e demonstrar tais casos, buscar a ancestralidade é recorrente em tais crônicas pois ela que justifica, da base e religa o sentimento de pertencer de um povo. Como exemplo um trecho da crônica que demonstra a importância da ancestralidade de Afonso Henriques, no caso seu pai era descendente legitimo do Rei da Hungria e por parte de

mãe era descendente do Rei D. Afonso de Castela, nas diversas crônicas o sangue real do primeiro monarca de Portugal é exaltado, seja pela realeza quanto pela nobreza, mesmo seu pai nunca tenha se chamado de rei.

Embora nem sempre aceite não podemos deixar de abordar a origem do Conde D. Henrique, apesar de a sua vinda para Península ter tido uma motivação militar e tenha, mais tarde, desempenhado um relativo papel político no xadrez conturbado do reinado de Afonso VI de Leão e Castela, pela sua ligação a D. Teresa. Parece-nos que também ao nível cultural não podemos descurar a sua influência, não só pela sua origem geográfica e familiar como pelas suas deslocações a França pois, como ele e através dele, alguma influência do que se passava na Borgonha terá chegado ao território que como seu filho vai dar origem a Portugal (PIRES, 2009, p.24).

O rei Afonso Henriques fora criado por D. Eguas Moniz um grande nobre que pediu D. Henrique um filho, no caso essa Afonso Henriques, a crônica narra esses acontecimentos, que se sucederam o nascimento de Afonso Henriques, que nasceu na mesma data do nascimento de Jesus Cristo e a constatação de um problema físico chamado de Aleijão.

E veyo a Rainha a paryr hum filho, grande e fermoso, que não podia majs / ser em / huma cryatura, saluo que nação com as pernas tão emcolheyas, que ao parecer de mestres e de todos, julgaron que numqua poderja ser sam delas. E nação no ano do naçimento de Noso Senhor Jesu Christo de M e XC e IV anos. ” (CDAH, 1419, Cap. III, p. 11)

Mesmo com deformidades físicas D. Eguas Moniz cuidou de Afonso Henriques, D. Henrique ficou relutante entregar o menino, pois pensava que sua deformidade seria advinda do pecado, mas no presente relato crônístico D. Eguas Moniz assumiu o pecado e pediu para o D. Henrique o menino e assim o criou, até o milagre da cura do Aleijão, que anteriormente no capítulo I deste trabalho foi citado, por diversas interpretações historiográficas. Onde Nossa Senhora teria aparecido para Eguas Moniz e curado a deformidade física do Rei, no intuito de dizer que o menino era escolhido de Deus para trazer grandes glórias ao povo português.

A crônica demonstra três processos no caso deste milagre, que são bem comuns, dentro da religião cristã, no caso seria a anunciação do milagre:

D. Eguas Moniz huma noyte dormjndo, sendo já o menino cjmco anos, lhe apareção Nosa Senhora e disse: << D. Eguas dormes? >>

E ele/ a esta ujsão e voz acordando/ dixe: << Senhora, quem sojs vos? >> E ela disse: << Eu são a Virgem Maria, que te mando que vas a hum tal lugar – dandolhe loguo synais dele - e faze hy cauar, e acharas huma igreja imagem mjnha. Faze correger a jgreja e a jimagem feyta em minha homra. E ysto feyto, farás hy vegjlya, poemdo o menino / que cryas / sobre o altar, e sabe que guareçera, e / f.5 / ser asam de todo; e não menos te trabalha, de ahy avante, de ho bem crjar e guardar como fazes, porque meu Filho quer por ele destrujr muytos jnimigos da fee>>” (CDAH, 1419, Cap. III, p. 13).

Existe o processo onde Eguas Moniz executa o pedido de nossa senhora:

Despareçida / esta visão/ ficou D. Eguas Monjz consolado e alegre, / como vassalo que com sam e verdadeyro amor amua seu senhor e suas cousas /. E tamto qu foy menham, alevantou-se loguo, e fouse com gente aquele lugar, que lhe fora dito. E mandou ahy cauar, e achou aquela jgreja e jangem, poendo em obra todas a cousas que Nosa Senhora mandaua. Aproveue por sua samta piadade, tanto que o menjno foy posto o altar, nada tiuera/. ” (CDAH, 1419, Cap. III, p. 13).

E por final a concretização do milagre, demonstra o caráter sagrado do Rei:

/ Vendo / D. Eguas Monjz este tamanho prazer e mjlagre, deu muytos loures à Dos e à Senhora Sua Madre, crjando e guardando d ahy avante com muyto amor e cuidado o menyno, cujo ayo foy senpre, até que seu pay moreo em Estorgua, sendo ele já tamanha jdade, que nas guerras e todas outras fadyguas soprya os careguos de seu pay. E por por causa deste mjlagre, foy depois feyto em esta jgreja com muyta deuasão ho moysteiro de Quarquare. ” (CDAH, 1419, Cap. III, p. 13-14).

A cura do Aleijão é um dos milagres mais importantes das narrativas cronisticas pois, este seria anúncio do Rei como escolhido, o eleito divino, a concretização desse milagre denota que Deus protegia Afonso Henriques e teria reservado ao mesmo grande feitos.

Muitos destes heróis apresentam defeitos físico de nascença: se o guerreiro persa Zal nasce albino por isso é abandonado, Se Édipo tem os tornozelos atados por ordem do pai, ficando coxo, e se Hefáistos nasce com um pé torto, também Aquiles era filho de pai aleijado e terá a sorte determinado por um calcanhar não invulnerável. Abandonados quando crianças, foram salvos por animais, pastores, jardineiros e rainhas. Alguns fundaram reinos e impérios e outros tantos foram heróis civilizadores que concederam ao seu povo o conhecimento da agricultura, como Teseu rei de

Atenas, ou as primeiras leis, como Ítalo, que igualmente emprestou nome a Itália. Outros, ainda, como Édipo que cegou a si próprio antes de se exilar no bosque sagrado, sucumbiram vítimas de inelutável maldição. Mas todos, marcados por uma entidade superior ou por ela prosseguidos, se destituíram ao construir um destino excepcional (BATISTA, 2009, p.84).

O milagre que acompanha o monarca português nas fases iniciais de sua vida, tem 3 etapas e é anunciado pela Virgem Maria. A cura da deformidade congênita representa aqui o favorecimento sobrenatural presente na vida de Afonso Henriques, este favorecimento que o acompanhou nas suas guerras e o acompanha desde seu nascimento, a cura do Aleijão representa a interseção divina para que o futuro do soberano fosse assegurado, pois no final a Virgem Maria anuncia que este trará a glória e a boa justiça para povo português e a guerra aos infiéis.

O milagre acontece primeiramente com a anunciação. A Virgem Maria pede para D. Eguas Moniz ir atrás de sua imagem em uma capela perdida para que assim o menino fosse feito uma vigília e o menino fosse colocado junto a imagem para que este fosse curado e trouxesse a guerra aos infiéis, a concretização, D. Eguas Moniz muito feliz com anunciação do milagre cumpre todos os pré-requisitos para a concretização do milagre.

2- Afonso Henriques e suas diversas batalhas

Depois da morte de seu pai Afonso Henrique herdara as terras do mesmo e precisa cuidar destas e além de tudo expandir seus domínios, as últimas palavras de seu pai o incentivavam para guerra seja para proteção de suas posses ou para conquista de outros territórios. “D. Afonso Amrjquiz, mandouse loguo chamar Primçepe. / e pergumtou a seus vassalos, se yrya com seu padre ou ficarja. E eles lhe disseron que fosse com ele e o homrase, e nom temese nada da terra. “ CDAH, 1419, Cap. V, p. 19)

Mas este encontrou algumas dificuldades em reivindicar as terras deixadas pelo seu pai hora quando sua mãe e seu padrasto os desafiavam pelo controle da terra, gerando até conflitos onde este sairá vitorioso, ou pelas

tensões causadas pelo Rei D. Afonso de Castela que reclama as terras para si e pelo cerco dos Mouros a Coimbra, o então príncipe na época encontrou diversas dificuldades para manter e reivindicar a terra para si, mas dentro destas dificuldades e várias batalhas sairá vitorioso.

Exemplo disso foi a batalha nos campos da Luzitanja onde Afonso Henriques enfrentou o Rei Mouro Jsmar, que tinha grande superioridade bélica, desde os diversos números, ou até como citado na crônica, mulheres soldadas ou amazonas. Os relatos explicam que a batalha era muito desigual, mas em nenhum momento Afonso Henriques perdeu sua fé; em meio a batalha este fez uma grande oração a Deus para que este assegurasse a vitória do povo português, já que não podia se perder o Condado de Portugal para os infiéis, demonstrando nessa oração que o povo português estava a serviço de Deus e que este era poderoso e que não haveria poder maior que o de Deus.

(Mais uma vez é notório, que o povo português e o escolhido pela fé cristã para ser salvo e levar a guerra justa aos infiéis:

E quando os seus jsto ouujrom e as boas palavras que lhe ele dizia, forrom todos esforçados e movidos de hum coração para serujrem a Deos e ele. Diseromlhe, que pois ele asy querja que lese rom bemprestes, pera bem fazer aquilo que sempre fizerom aqueles donde eles vinham” (CDAH, 1419, p.41)

Dentro da batalha do campo de Ourique no qual o próprio Jesus Cristo tenha aparecido crucificado para Afonso Henriques e tenha anunciado a vitória do povo português sobre os infiéis; nesta batalha o mesmo fora declarado rei. D. Afonso Henriques venceu o Rei Jsmar e mais quatro reis mouros, muitos dos mouros morreram nesta batalha e diversos cristãos.

Vale ressaltar que o primeiro capítulo desta monografia disserta sobre a bibliografia desta batalha em detalhes, no caso é importante enfatizar que esta batalha foi de grande repercussão na monarquia portuguesa, serviu para transformar Afonso Henriques em Rei, legitimá-lo perante Deus, como o Milagre de Ourique, como também aos longos dos anos foi várias vezes utilizada para os diversos reis. O mito de Ourique dá base à ancestralidade e à Dinastia portuguesa.

O mito do milagre crístico de Ourique serviu num primeiro momento como legitimação da nova Dinastia de Avis, a exemplo do que sucedeu noutras horizontes: séc. XIV, três Novas dinastias europeias como os Luxemburgo, os Capeto-Anjou ou Angevinis e os Habsburgos procuraram também elas “ reforçar a sua legitimidade por afiliação ao culto dos santos Reis da região “ (KLANICZAY,1989). Fundada em revolução popular por um bastardo de sangue real, quis-se deste modo afirmar no Portugal dos sécs. XIV/XV a legitimidade histórica da nova linhagem num quadro em que o início da expansão ultramarina retomava o ideal cruzadístico da Reconquista, e por isso procurou no protagonismo divino de D. Afonso I, explicitamente proposto na Crônica, um dos sustentáculos messiânico da própria dinastia de 1419, com o milagre de Ourique a desempenhar um papel nuclear na exaltação e nas ambições na monarquia portuguesa, não só eleita, mas conduzida por Deus (BATISTA, 2009, p. 96).

O milagre de Ourique, fora cristalizado historicamente, seja pela sua legitimação ou pelos diversos símbolos que este reproduziu ou até mesmo o mais importante o D. Afonso Henriques aclamado rei de Portugal. A relação de poder muda a partir deste milagre, o status passa a ser de realeza, Portugal tem nesse momento um soberano escolhido por Deus e está se vê escolhida por Deus para espalhar a fé e guerrear contra os infiéis.

Mais tarde o Rei Jsmar vencido no campo de Ourique, buscou guerrear em Santarem, invadiu e matou diversos cristãos, o mesmo não pode recuperá-la imediatamente por causa de outros assuntos, este casou 1145 com D. Mafalda que tinha parentesco com alta linhagem espanhola.

Dissertar sobre Santarém nos tempos da Reconquista, é demonstrar as diversas estruturas que este trabalho procura, não só pela ocupação dos Mouros, mas, também pela conquista do nobre rei Afonso Henriques demonstrando, não só poder divino, mas demonstrando suas estratégias, a crônica demonstra as questões de conquista, no caso do nobre Rei, como este com a ajuda de Deus conquistou Santarém. É necessário mostrar as estratégias de batalha, enfatizando que Afonso Henriques além de escolhido de Deus para salvar o povo português, era grande estrategista militar e grande guerreiro.

Santarém é importante para história do povo português, seja pela riqueza de suas terras ou pela sua posição estrategicamente defensável, ou seja, banhadas por diversos rios, atraíram diversas comunidades humanas para ali se estabelecerem. Desde a ocupação romana já era importante, mas

temos informações mais precisas com a ocupação islâmica, que os mouros gozavam de grande riqueza dessas terras, seja pela sua terra fértil ou pelas cheias regulares.

A *Crônica do Rei Afonso Henrique* demonstra que o Monarca sempre teve intenção de tomar Santarém para si:

E avia muyto tempo que elRey com grande vontade desejava / em su coração / de tomar a vila de Santarrem. E esto por duas rezões: a huma porque era lugar muy forte gueryro de que faziam muy grande dapno em toda sua terra. E a outra porque era mjlor vila de todo seu Reyno pela nobreza de seu assentamento. “ (CDAH, 1419, p.55)

Santarém sempre fora uma cidade muito desejada por mouros e cristão, seja pela posição estratégica ou pela fertilidade de suas terras, a crônica demonstra o interesse do Rei Afonso Henriques pelas terras de Santarém, já que este era o melhor assentamento de sua região.

Em o termo de Santarém há muitas e boas bondades e é mui saborosa terra E, quanto é no chão, não costumam aí alqueivar nem na lavrarão duas vezes se não quiserem, tanto é de boa terra naturalmente. E quando enche o Tejo, sai pela terra chã e cobre-a toda e, pois, que o rio desce, fazem duas sementeiras mui boas serôdias (...) no termo de Santarém há terra tão frutífera que, no dia que semeiam o pão até sete semanas e segam. E o castelo de Santarém jaz em um monte mui grande e mui alto e mui forte e não há lugar por onde o possam combater senão a mui grande perigo (BARBOSA, 2009, p.48).

A citação acima é fala de Ahmed ar-Razi é importante demonstra a visão dos diversos atores da história no caso estudado os mouros são inimigos da fé cristã e por consequência inimigos de Portugal, não só pelas diversas tensões religiosas e diversos cercos e guerras, dois povos que dividiram por muito tempo territórios e batalhas. Notamos que os mouros entediam a importância de Santarém. Além de seu grau de defesas, suas muralhas e sua posição estratégica descrita: num monte alto, de fato Santarém era uma fortaleza muito prospera e o Rei Afonso Henriques não poderia invadi-la despreparado, este fora buscar meios de invadir.

Preparando-se para invadir a cidade Afonso Henriques mandou Mem Moniz observar o lugar, homem de confiança do rei é descrito como nobre e muito esforçado e de bom coração, como já dito Afonso Henriques buscava meios de ultrapassar as defesas de Santarém e sair vitorioso da batalha. O

conselho do nobre observador, foi que primeiro por algum lugar pelo muro, e destruísse a fechadura das portas.

Diversas passagens demonstram Afonso Henriques como monarca extremamente habilidoso na arte da guerra não só em estratégia como em batalha. Alguns relatos dizem que os mouros o temiam e quando este estava na batalha, estes fugiam de sua espada, a glória cercava o monarca e diante de todas as batalhas este fazia uma oração ou rogava a Deus e seu povo o seguia em oração ou rogava junto com ele, nessas passagens percebemos que o rei cristão português é um exemplo a ser seguido, este se encaixa no modelo de comportamento da sociedade portuguesa, juntos na mesma mentalidade.

Em que elRey avia gramde e symgular devação, e emcomendoulhe tudo o que tinha ordanado para fazer, e quando avia de ser. E emcomemndouse aficadamemte que aquel dia com seus Conjuuos rogassem a Deos em sua vontade e que o ajudassem a aquela obra por que ya, e que esta cousa tiuesem em gramde segredo. ” (CDAH, 1419, p. 60)

O rei tinha uma grande devoção e fé, este pedia a seu povo que e aos clérigos rezassem e para Deus a pedido que estes ganhassem o cerco a Santarém. Nota-se que sempre antes das batalhas Afonso Henriques rezava ou pedia para seu povo rezar pelas batalhas demonstrando fé e de que era homem de seu tempo e acreditava no seu favorecimento divino.

Uma das estratégias de Afonso Henriques foi dar trégua de 3 dias, antes de atacar era comum naquele tempo oferecer trégua aos inimigos quando quisesse, até mesmo antes do ataque, o plano do Rei era atacar quando a guarnição da cidade estivesse desprevenida garantindo a vitória do ataque. As diversas simbologias presentes neste certo a Santarém fazem parte da mística dos milagres, não só pelo aviso de que as muralhas caíram em 3 dias no caso.

Santarém representava a chave para o domínio do baixo curso do Tejo, como se viu. Verificada a impossibilidade de a conquistar deslocando tropas pela antiga estrada romana, depois do chamado “desastre de Tomar”, derrota das tropas portuguesas em 1137, Afonso Henriques vai decidir-se por um itinerário alternativo, para apanhar desprevenida a guarnição da vila: o caminho secundário que

atravessava o maciço calcário estremenho, poucos estavam a par dos planos do rei, mas um deles era o prior de Santa Cruz de Coimbra, S. Teotónio, homem de grande influência política, para além de exemplo de santidade. (GOMES, 2009, p.51)

O cerco a Santarém fora extremamente cansativo, com diversas batalhas, promessas: Afonso Henriques fazia diversas promessas a Deus para obter esta conquista como no caso a construção de mosteiros (segundo a Lenda se São Bernardo o Rei fez promessa na França que ao tomar Santarém este construiria um mosteiro para fortalecer suas obras). No tocante a estas questões o reinado de Afonso Henriques construiu diversos mosteiros por exemplo: S. Cristóvão de Lafões 1138/1162; S. João de Tarouca 1144; Santiago de Seveer 1141/ 1143-44, Santa Maria de Alcobaça 1153; Santa Maria do Bouro: Santa Maria de Maceira Dão 1154- 1161; Santa Maria de Salzeda 1156-59; São Pedro das Águias 1170-76; Santa Maria de Tomarães 1172; Santa Maria de Seiça 1175/ 1195; Santa Maria de Fiães 1173-1194; Freires de Évora 1176-1186; Santa Maria da Estrela / 1220; São Paulo de Almaziva 1221; Santa Maria de Júnias 1247- 48; Santa Maria de Ermelo 1271, no caso dos alojamentos femininos: S. Mamede do Lorvão 1221; Santa Maria de Celas 1215/ 1221; São Pedro de Arouca 1224; Santa Maria de Cós 1241; São Salvador de Bouças /1249; São Bento De Castris 1278; Santa Maria de Almoester1287/ 1231; São Dinis de Odicelas 1294/ 1295. “ Todos estes mosteiros são criados por doações e cartas de couto passadas pelo próprio rei D. Afonso Henriques, por iniciativa própria ou, como é o caso de Santa Maria de Salzedas, a pedido de alguém que lhe era muito próximo. ” (PIRES, 2009, P 26)

O plano posto em pratica, segundo a *Crônica de D. Afonso Henriques* teria atacado num itinerário alternativo no caso a noite, e colocado as escadas na muralha para invasão, assim que seus guerreiros entrassem as muralhas quebrassem as fechaduras das portas para de fato a invasão ser mais efetiva, além de outro caminho já citado acima que o Rei utilizou para atacar, assim chegaram na vila e notaram um milagre uma grande estrela ardente surgira no céu, ardente e muito vistosa. Assim o milagre surge em diversas batalhas do

Monarca fundador, demonstrando a vitória, dando sinais ou mesmo provando que o sangue real português é sagrado.

A tradição dos fabulosos relatos era comum para o medievo, povo imerso na hierofania; percebemos que diversas vezes corpos celestes eram constatados em tais batalhas e associados como mensagens divinas, sinais sobrenaturais, estas passagens eram muito comuns na península Ibérica. Segundo o autor Heitor Batista (2009, 104) este diz que a “Erupção do fantástico nos domínios da historiografia representou, ao logo da Idade Média e da Idade Moderna, algo corrente, transcendente – quer fosse celeste quer infernal – constituía um dado adquirido que integrava a experiência comum.”

A ideia de tomar um ramal secundário para atingir Santarém, em vez do obvio caminho de tomar, revela um bom sentido de planejamento por parte do rei, ou dos seus conselheiros militares, experientes na guerra contra o Islão. Mas, para seguir este caminho, a coluna teria que assegurar algumas condições de proteção à macha, um dos mais importantes teria sido o apoio, ou pelo menos a neutralidade, da estratégica fortaleza de Abdegas/ Ourém, sem qual caminho de fuga ficaria cortado, não se referindo, em nenhum texto a conquista deste castelo (GOMES, 2009, p.52).

Diversos autores dissertam sobre Afonso Henriques e suas conquistas, o objetivo deste trabalho é demonstrar o modelo de rei que edifica o povo português, analisar a sacralidade e o monarca como homem guerreiro estrategista militar, é notável o milagre, mas também as diversas estratégias elaboradas por ele e seu povo, demonstrando o ideal de guerreiro.

Partindo para crônica a maior ênfase seria na invasão pela muralha com a utilização de escadas e na destruição das portas e assim na invasão de Santarém, que fora comparada com a queda das muralhas de Jericó, demonstrando os atributos do Antigo Testamento presente nessas crônicas, seja pelos reis do Antigo Testamentos ou por suas guerras.

As diversas simbologias presentes neste certo a Santarém fazem parte da mística dos milagres, não só pelo aviso de que as muralhas caíram em três dias no caso.

Dou testemunho e Deos dos çeos, amte cujo olhos todas as cousas sam sabida e conhecidas, / f.26 / que eu não tenho por maravilha em como pelo seu poder em outro tempo os muros e torres de Gerjco foram derribados e destruydos, outros em como sol esteu quedado, que não coreo por espaço de hum dia / contra Gabão/ a roguo de Josuee, em comparação da grande piedade e misericordya que fez em mjm Deos, em me dar tam forte lugar como tão pouca jemte. Porem eu louuo e glorefiquo o seu nome e as suas obras que são maravilhosas. Qua El per sy mesmo e pela sua graça, fez piedade, nos nossos dias renovando as maravilhas das outros tempos, mas sobreuando-as em nos. E poremde, quando eu vy as portas da vila abertas, e os meus olhos fincados em terra, com tanto prazer e devação da minha alma eu orey a Deos (CDAH, 1419, p.75).

Partindo para outras conquistas do Rei D. Afonso Henriques, tendo tomado Alcácer em 1165, este pôs seus olhos para Sesimbra, levou diversos guerreiros e cavaleiros para a conquista, só que esta guerra como a maioria da que D. Afonso Henriques enfrentaria neste caso ele enfrentaria Rei Mouro de Badalhouse o número era muito superior, seria 60 mil mouros, subdivididos em 4 mil a cavalo e 56 mil a pé, muitos de seus homens queriam desistir da batalha, pois a desigualdade entre o guerreiros era enorme, mas mesmo assim este encarregado em fazer a guerra santa contra os infiéis não recuo, buscou apoio em Deus para que este assegura-se a vitória.

Amyguos, lidemos com eles, e fyemos em Deus, que há todo poder, que nos deu muitas vezes victorja de muitos em outros lugares, sendo nos muy poucos, espiçoalmente quando lidamos nos Campos de Ourjque. ” (CDAH, 1419, p. 92). Este lança discurso de que os mesmos já se encontraram nas mesmas situações, em números inferiores e com a ajuda de Deus e seus milagres, tinham conseguido sempre a vitória e que estes não deixassem o maior instrumento de Deus ser abalado, esse instrumento a Fé.

Demonstrando em sua fala que nenhuma ação em nome de Deus era impossível e esse lança que o poder de Deus é maior que todas as coisas e que o milagre maior seria anunciado que ali não seria derrotado o povo português, que não temeria dor e nem morte e que estes sairiam vitoriosos daquela batalha, é relatado que o Rei avançava para batalha sem medo e que sua tamanha coragem espantou os infiéis, demonstrando que é um homem de seu tempo e tinha fé no poder de Deus.

3- Últimas ações de Afonso Henriques e sua Morte

O monarca Afonso Henriques fizera diversas nomeações, em seu reino já foi observado até aqui que este ao longo de sua vida construiu diversos mosteiros e igrejas e fez diversas nomeações, aos diversos membros do clero é fundamental entender as diversas relações de poder presentes no medievo português, no caso aqui falaremos das nomeações específicas de bispo e de padre.

Ao longo da narrativa o Monarca começa falando que ele já havia distribuídos bens e os ordenado, e naquele caso ele queria distribuir bem ao Nosso Senhor, assim este ordena um bispo, ele caracteriza que é necessário um bispo para Lisboa para que este seja pastor das almas do povo.

Este homem designado era Gilberto, caracterizado como um homem letrado e o homem de boa vida. Mesmo sendo designado por Afonso Henriques, este teve que passar pelas aprovações do Papa (o Rei governa só em seu espaço assim delegado, já o Papa é o rei de toda cristandade).

Amygos, Senhores, jrmãos meus, meus boms amjgos e vassalos: Eu ata quj ordeney e destribuy os bems temporaes. E ora me parece que he beem tornamos a nosso Senhor, e ordenemos e enlejamus bispo, que seja pastor de nossa almas e regedor da jgreja catedral e see em esta cidade, e seja feyto Bispo de Lixboa com grande honra (CDAH,1419, p.83).

Depois destes acontecidos D. Afonso Henriques, queria dar boa vida ao clérigos e capelães, ordenando mosteiros para que estes vivessem ali, o caso específico, frade Galterjo que trazia consigo quatro companheiros, que buscavam um mosteiro para viver em Lisboa.

O Rei D. Afonso tinha três filhas e um filho sendo este o mais importante D. Sancho que herdou o reinado de seu pai, e a primeira filha D. Mafalda casada com Conde D. Reymomdo, filho do Conde D. Reymomdo de Barcelona. E outra D. Oraca que foi casada com o Rei D. Fernando de Liam. Estes casamentos entre nobres, era um sinal de aliança e manutenção do poder entre os nobres.

Após cinco anos de trégua Afonso Henriques, o mesmo precisa manter a conquista da guerra contra os infiéis e assim também precisava iniciar seu filho D. Sancho nas guerras que havia para manter a unidade e a soberania do povo português. Rei D. Afonso Henriques precisa que seu filho assumisse as guerras da Reconquista, alerta que Portugal precisa de unidade e de liderança, seja pelo Rei e este herdaria todas as posses de seu pai.

Depois desses diversos episódios, Afonso Henriques aparece em segundo plano por bastante tempo em sua crônica, assim focando em D. Sancho é notável que este prepara seu filho para assumir seu reinado e continuar as grandes glórias que sua dinastia havia cumprido. No mais tardar é narrado diversas batalhas que D. Sancho haveria de enfrentar diversos Infantes, contra os mouros defendendo ou conquistando, seu protagonismo dentro da batalha é muito parecido com o de seu pai, este vence muitos infantes.

Assim depois de alguns dias Rei Afonso Henriques vem a adoecer e a morrer, na crônica dizem que levado por Deus este vai buscar glória no paraíso, muito aclamado pelos seus bons serviços a fé crista e ao povo português tem uma morte nobre, sempre citado até em morte como virtuoso e valente. Segundo Aires Nascimento o rei faleceu com 56 anos de vida e 35 governando Portugal.

E depois de todas estas cousas que ditas evemos, veyo adoecer o mui nobre valemtyso e virtuoso Rey D. Afonso Amrjques, E posto que os anos de sua idade sejam posto em esprito em muytos livros per desvayradas gujsas, per nos com deligemçia e cuydado trablhamos de saber a verdade de cadauma das cousas comteudas em este livro. E achamos que forom noventa e hum anos, porque ele ficou de XVIII anos depois da morte de seu padre, foy chamado príncepe (com) XXVII anos. E avendo XVI anos que fou alçado Rey, pouue a Deos de o leuar deste mundo. E asy forom certamente todos los anos de sua vida estes que dictos avemos. E moreo aos VI di de dezembro, na era de M. e CCXXIII anos. Soteraromno no Mosteiro de Samta de Cojbra, e em a dict Jgreja jaz, / donde cremos que por seus boom merecimentos esta em gloria do Parayso(CDAH, 1419, p139).

A morte do monarca português não representou o fim de sua glória, mas, sim a eternizou, dentro da cultura e da história do povo português. Este foi cada vez mais aclamado como grande herói seja por diversas crônicas que remetem seus diversos milagres seja pelas obras biográficas; caracterizado na

infância com uma deformidade física, este cresceu na batalha, demonstrou avidez e grande maestria física, como cavaleiro virtuoso com uma fé inabalável em Deus.

Afonso Henriques edifica o mito a si mesmo e dele constrói a Nação portuguesa. Apesar de ter muitos críticos de seus supostos milagres e de que este sofrerá algumas derrotas, mas é irrefutável que este fora um modelo para sociedade portuguesa, seguindo preceitos de Rei cristão.

A figura primitiva de fundador, Afonso Henriques não escapou à contradição do sacrum, que é simultaneamente numinoso e fascinante, próximo (quase familiar) e distante (na penumbra dos tempos e no interior dos templos, interdito a profanos). Figura heroica, alicia para o encórnio, mas não escapa ao vulpério- envolvendo o rito de esconjuro até os que estão postados nas margens do cortejo; figura de retorno, gera interpretações dispares e tensas, apesar de identificadora de uma nação inteira – não ficando imune aos interesses locais. (NASCIMENTO, 2009, p. 29)

A figura de Afonso Henriques não escapou das visões negativas e nem dos interesses locais de seu povo, ou até de sua figura heroica essas diversas visões construíram a figura do rei de Portugal. Imortalizado pelos seus feitos, mas principalmente imortalizado pelo imaginário político de seu povo Afonso Henriques une todo um reino em sua figura e o perpetua com suas diversas facetas.

Este terceiro e último capítulo visou demonstrar as relações de poder e memória, presentes na *Crônica do Rei Afonso Henriques*, primeiramente discutindo as diversas interpolações e modificações que as crônicas que foram relatadas neste trabalho, que os cronistas tiveram intenções de acordo com o que lhe favorecia e favorecia a ótica vigente naquela época copiar ou mudar a grafia para utilizar-se da literatura para seus interesses e dos Reis.

Em um segundo momento foi retratado as guerras que o Rei D. Afonso Henriques enfrentou ao longo de sua vida presentes em sua crônica sempre enfatizando seu ideal de guerreiro escolhido por Deus para conseguir expandir a fé cristã contra os mouros, até suas relações de poder com clero e nobres demonstrando suas alianças. Até este adoecer e morrer passando antes mesmo destes fatos para seu filho D. Sancho que herdara o legado de Afonso

Henriques, com a missão de defender Portugal das ameaças estrangeiras, no caso o julgo castelhano, que a cada momento tentava reclamar a terra para si, e os mouros sempre insistentes para conquistar as terras de Portugal.

CONCLUSÃO

A fundação de Portugal passa por diversos acontecimentos, mas notamos que estes acontecimentos nos dão base para perceber a formação desta enquanto nação, mesmo antes de ser Portugal, chamava-se Condado de Portugal que fora entregue para D. Henrique como posse por casar-se com D. Teresa, assim percebemos que desde mesmo sua fundação, este fora formado por laços entre nobres e por questões de suserania e vassalagem.

Partindo disso percebemos que o Condado de Portugal e entregue ao jovem príncipe Afonso Henriques, mesmo para conseguir reclamar sua herança sofreu grandes dificuldades já que teve que batalhar com sua mãe e seu padrasto para conseguir reclamar a terra para si, a partir daí o mesmo fora fazendo grandes conquistas contra os infiéis, até um momento que no Campo de Ourique este fora aclamado Rei.

O mito como fundador nasce desta batalha e a partir deste mito se sucederam diversos outros mitos, a partir dos relatos cronísticos, este presente trabalho se propõe a analisá-los e perceber os modelos de comportamento presente na sociedade portuguesa, principalmente o modelo de Rei cristão que o próprio Afonso Henriques representa e buscar a memória do povo português.

Se do pormenor passarmos ao todo, teremos de acentuar que dependemos do processo de construção da memória. Longo e espinhoso é ele: importa desmontar as narrativas que se acumularam sem sentido imediatamente perceptível no interior de uma memória interessada, fluida e alargada por tempos que não são já dos acontecimentos (porque são os de autores que deles se serve, ou os tomam sem os reporem a fonte). (NASCIMENTO, 2009, p.35).

Demonstrando que as diversas crônicas construídas em seu nome foram feitas para reforçar a ideia de Rei salvador ou a imagem do mesmo. Fora demonstrado a utilização de outros Reis como D. João I ou D. Sebastião para dar base para seus governos, como fora dito o cargo de historiador nunca foram tão importantes pois, era necessário legitimar, e para isso precisava-se

de documentos de base, isso foi oferecido pelos diversos Cronistas que interpolaram ou mudaram as diversas crônicas.

Fica explícito a relação de diversos povos neste trabalho: mouros, cristão, judeus e entre outros que entraram em conflito pelas diversas guerras e invasões na Península Ibérica e o Norte da África, assim percebemos um diálogo cultural entre esses povos, que se reproduz nas suas culturas, mas também nas diversas batalhas entre Reis.

Assim fica notável que a bibliografia escrita sobre Afonso Henriques é vasta, não só pela quantidade de crônicas, textos acadêmicos ou biografias, este tema está intrinsecamente ligado com o sentimento de pertencer do povo português, ligado ainda sim o imaginário político deste povo, as lideranças monárquicas messiânicas que aparecem em tempos escatológicos.

A monarquia portuguesa e os homens de letras que as circundavam tiveram a clarividência de perceber o quanto o mito político com intercambialções religiosas era uma poderosa arma do fortalecimento da figura régia. A presença judaico-cristã trouxe o peso das tradições e imbricou no imaginário lusitano a noção de que o poder não estava desassociado do sagrado e das crenças religiosas inerentes à época. Judeus, cristãos e mouros convivendo juntos no território da Península Ibérica deixaram as noções de líderes messiânicos, que trariam uma era de felicidade e plenitude da obra de Deus (RIBEIRO, 2014, p.83).

Partindo para a Crônica é necessário perceber dentro dos diversos milagres que está representa, que eles são sucedidos quase sempre de uma oração ou de um discurso inflamado, antes da batalha ou para outros são como sinais de vitória, estes são as ferramentas de Deus entregues a Afonso Henriques.

O fato da mitificação do mesmo está na necessidade do povo português de sacralizar suas dinastias reais, algo muito comum em diversas culturas, Afonso Henriques é a representação do herói para seu povo, mas também como líder é um modelo a ser seguido. Os mitos analisados nesse trabalho são característicos de seis, eles fabricam a imagem de monarca escolhido por Deus: Um defeito físico de nascença, a entrega a um protetor, a cura divina ao defeito, o auxílio sobrenatural durante a vida, castigo e maldição e o poder de

suas relíquias. Estas são unidade de significado fundamentais ligadas ao auxílio Divino.

A construção destes modelos de reis nas crônicas portuguesas tem diversas discussões em torno da temática percebemos que a mentalidade histórica do povo português centrado na glória do seu povo e na tradição messiânica católica, as diversas sociedades analisadas nesse trabalho nos demonstraram a monarquia simbólica portuguesa as diversas narrativas míticas que construíram reinos e também os destruiu. O nacionalismo português que evoca o sentimento de pertencer através da memória é a maior característica deste estudo que visa perceber uma totalidade e abarca-la de forma que estes modelos influenciaram e influenciam até hoje as sociedades que estes passam, seja por meio do messianismo régio ou da história da nação. A percepção do imaginário enquanto um artefato, figura que molda o imaginário português, auxiliando num processo de formação e consolidação para um patrimônio cultural dessa coletividade específica, a produção da sociedade portuguesa, no caso, a criação dos modelos dos seus reis é característica do aspecto antropológico social. A percepção do imaginário enquanto um artefato, figura que molda o imaginário português, auxiliando num processo de formação e consolidação para um patrimônio cultural dessa coletividade específica, a produção da sociedade portuguesa, no caso, a criação dos modelos dos seus reis é característica do aspecto antropológico social.

Concluimos que o presente trabalho buscou demonstrar os objetivos da melhor forma, a análise da crônica buscando as comparações aos monarcas do Antigo Testamento com os reis portugueses, caracterizar o bom rei a partir dos relatos cronísticos e por final identificar os modelos positivos de rei que o tornam um modelo de comportamento para a sociedade portuguesa medieval.

Em suma o Rei como Modelo de Cristão nas Crônicas Portuguesas, procurou entender a medieavalidade tardia, buscando uma história total e global, pautada na história política renovada e no imaginário político, buscou a longa duração para entender eventos da mentalidade e da cultura do povo português, através de sua literatura e seus monarcas.

REFERÊNCIAS

Fonte Primária

TAROUCA, Carlos da Silva. **Crônicas dos sete primeiros Reis de Portugal**. Edição de Carlos da Silva Tarouca. - Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1953.

Obras Gerais

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 1987.

_____. **Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRUM TORRES, João Carlos. Figuras do Estado Moderno: **Representação Política no Ocidente**, São Paulo, Brasiliense, 1º ed., 1989.

BURKE, Peter. **A Fabricação do Rei: A construção da imagem pública de Luís XIV**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

CARDOSO, Ciro Flamarion e MALERBA, Jurandir (orgs.) **Representações. Contribuições a um debate transdisciplinar**, Campinas/SP, Papyrus, 2000, 288 Pp.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história**. Ensaios da teoria e metodologia. 5ªed. Rio de Janeiro: 1997.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FALCON, Francisco. História e Poder. In: Ciro Flamarion Cardoso; Ronaldo Vainfas. (Org.). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade média: nascimento do Ocidente**, São Paulo: Brasiliense, 2001.

GUIBERNAU, Monstserrat. Nacionalismos: **O estado nacional e o nacionalismo no século XX**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1997.

LE GOFF, Jaques. **A História Nova**. 5ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LE GOFF, Jacques. **O Homem Medieval**. Lisboa: Presença, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

ZIERER, Adriana, Iluminando a Idade Média: um breve panorama sobre a História Medieval no Brasil e a relação entre História-Ensino. In: ZIERER, A. ; XIMENDES, C. A. **História Antiga e Medieval: Cultura e Ensino**. São Luís: Editora Uema, 2009, p. 9-27.

Obra específicas

FURTADO, Matheus. A heráldica do poder: **Símbolos e significados no escudo de D. Afonso Henriques**, Brasília, UnB, 2014.

FURTADO, Matheus. Heráldica do Poder, **Medievalis**, Rio de Janeiro, Vol. 4, N. 1, 2015.

MATTOSO. José. **As Três Faces de Afonso Henriques**. Lisboa, F.C.S.H da Universidade de Lisboa, 1992.

MENDONÇA, Manuela. Afonso Henriques, o Conquistador (1143.1185). In: MENDONÇA, Manuela (org). **História dos Reis de Portugal: Da fundação à perda de independência**. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 2010, p. 441-490.

MEGIANI, Ana Paula T. **O jovem Rei Encantado: expectativas do messianismo régio em Portugal, séculos XIII A XVI.** São Paulo: Editora HUCITEC, 2003.

MICHELAN, Kátia. **Três histórias de Afonso Henriques, compilação, reprodução e reconstrução de uma trajetória e de uma imagem.** França, FCHS, 2008.

NOGUEIRA, Carlos. (Org). **O Portugal Medieval: Monarquia e Sociedade.** São Paulo: Alameda, 2010.

RIBEIRO, Josená. **Messianismo e Poder no Reinado de D. João I, de Portugal.** São Luís, UEMA, 2014.

SALVADO, Salete. **AFONSO I de Portugal nos 900 anos do seu nascimento.** Lisboa, GAL, 2009.

SANTA CRUZ. Fabio S. Uma Leitura do Juramento de Afonso Henriques sobre O Milagre de Ourique. In: VI Congresso Latinoamericano de Compreensão Leitora (Conlacol)-Jaime Cerrón Palomino, 2013, Formosa-GO. **Anais** 2013, v. 6, p. 216-224.

VIDEIRA, Graça Lopes. Um Herói Demasiado Humano – **O Retrato de Afonso Henriques nos Primeiros Textos Medievais,** Lisboa, FCSH-UNL,2008.

ZIERER, Adriana Maria de Souza. O Rei no Imaginário Medieval. In: OLIVEIRA, Terezinha e VISALLI, Angelita Marques. **Cultura e Educação. Ética e Ação política na Antiguidade e Idade Média.** Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007, p. 357-371.

ZIERER, Adriana. Afonso Henriques, D. João e D. Sebastião: o messianismo na legitimação simbólica da Dinastia de Avis. In: VIEIRA, A. L; ZIERER, A. (Orgs.). **História Antiga e Medieval Rupturas Transformações e Permanências: Sociedade e Imaginário,** São Luís: Editora Uema, 2009, v. 2